Coleção
TEATRO HOJE
Direção de Dias Gomes
Série Autores Estrangeiros
Volume 20

Volumes Publicados:

Série Autores Nacionais:

Oduvaldo Vianna Filho e Ferreira Gullar — Se Correr o Bicho Pega, Se Ficar o Bicho Come
Flávio Rangel e Millôr Fernandes — Liberdade, Liberdade (2ª edição)
Jorge Andrade — Senhora na Bôca do Lixo

Série Autores Estrangeiros:

Bertolt Brecht — Sr. Puntilla e Seu Criado Matti
Sófocles — Édipo Rei
Sófocles — Antígona
Jean Genet — O Balcão
Joahn Strindberg — Senhorita Júlia e O Pai
William Shakespeare — Macbeth
Conor Cruise O'Brien — Anjos Assassinos

Série Teoria e História:

Paolo Chiarini — Bertolt Brecht
Bertolt Brecht — Teatro Dialético
Erwin Piscator — Teatro Político
Constantin Stanislavski — A Preparação do Ator (2ª edição)
Constantin Stanislavski — A Construção da Personagem
Jerzy Grotowsky — Em Busca de um Teatro Pobre

Próximo Lançamento:

Constantin Stanislavski — A Criação de um Papel

Alfred Jarry

UBU REI

OU

OS POLONESES

Drama em cinco atos

Tradução de
Ferreira Gullar

civilização
brasileira

Coleção
Eudinyr Fraga

Título do original francês:
UBU ROI ou Les Polonais
Publicado em língua portuguêsa
mediante acôrdo firmado com
La Societé des Éditions Grasset e Fasquelle.
61, Rue des Saints-Pères,
Paris, VIe

Montagem de capa:
DOUNÊ

Diagramação:
LÉA CAULLIRAUX

Direitos universais para a língua portuguêsa
adquiridos pela
EDITÔRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.
Rua da Lapa, 120 - 12º andar
RIO DE JANEIRO,
que se reserva a propriedade desta tradução.

1972

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

ALFRED JARRY na época em que escreveu *Ubu Rei*.

Happening Ubu

Otto Maria Carpeaux

O dia 10 de dezembro de 1896 é uma grande data na história do teatro francês — com algum exagêro dir-se-ia que é mesmo uma data histórica. Lugné-Poe, o grande renovador do teatro parisiense, já tinha surpreendido a gente com representações de *Pelléas et Mélisande*, de Maeterlinck, de *Rosmersholm*, de Ibsen, da *Salomé*, de Wilde, obras que passavam então por excessos de modernidade. Naquele 10 de dezembro convidou a crítica hostil e o público desconcertado para o Théâtre de l'Oeuvre, prometendo uma peça inédita de autor desconhecido: *Ubu-Roi*, de um certo Alfred Jarry. O título, lembrando vagamente o *Oedipe-Roi*, de Sófocles, parecia anunciar uma tragédia clássica. Realmente, ao levantar-se o pano, os espectadores viram as colunas de um templo grego, embora com a palavra *École* na ar-

quitrave, e um côro de comparsas providos de máscaras. Acostumados ao estilo declamatório do Théâtre Français, esperavam ver o ator principal avançar para a ribalta, pronunciando versos racinianos como —

"... Cet esprit d'imprudence et d'erreur,

De la chute des rois funeste avant-coureur",

mas em vez disso, o grande ator Firmin Gémier avançou para a ribalta, dirigindo-se à platéia, pronunciando a palavra que nunca até então se tinha ouvido num palco:

"Merde!"

Foi o escândalo.

Mas nem todos os presentes valaram a audácia inédita. Estava presente Mallarmé, o grave Mallarmé, e seu comentário foi uma surprêsa: "Jarry é poeta", disse, "e com êste *Ubu-Roi* começa uma nova época". Foi uma frase profética. Mas a profecia ficou durante muito tempo incompreendida, e ainda hoje muitos perguntam: — Quem foi Ubu? Quem foi Jarry?

Que responda James Joyce. Em *Finnegans Wake*, obra na qual cada frase encerra pelo menos uma alusão criptografada, Shaun diz sôbre Shem: *"He has novel ideas I know and he's a Jarry queer fish"*. O adjetivo *queer* é alusão menos delicada aos hábitos sexuais do sujeito da frase, mas trata-se, sem dúvida, de uma secreta homenagem a êsse homem de *novel ideas:* a Alfred Jarry.

Não se descreve com frases convencionais um *queer fish*. No entanto, uma introdução — como esta — não pode dispensar certos elementos informativos. Alfred Jarry nasceu em 1873 em Laval, filho de gerações de camponeses robustos da Bretanha e de uma mãe ligeiramente excêntrica (outros dizem: fortemente louca). Foi homem baixinho, vigoroso como seus antepassados paternos, ciclista apaixonado, esgrimidor hábil, pescador à linha — apenas os olhos profundos desmentiram a aparência de um desportista despreocupado. Dado a *practical jokes*, zombava de todos e acabou sendo ridicularizado por todos, levando uma existência burlesca. Como todos os grandes humoristas, como Molière, como Swift, como Gogol, foi homem triste. O fato de ter sido *queer*, no dizer de Joyce, contribuiu para torná-lo isolado, tímido. Viveu em pobreza abjecta. Recusou tôdas as oportunidades, por incapacidade inata de fazer concessões aos hábitos da vida burguesa e às convenções da vida literária parisiense. A tôdas as suas tribulações juntou-se doença torturante. Encontrou o único consôlo no álcool. Pode-se afirmar que Jarry se suicidou, bebendo sistemàticamente. Morreu em 1907, com apenas trinta e quatro anos de idade, na mesma solidão em que sempre vivera.

Os primeiros que reconheceram a importância de Jarry, foram Apollinaire e Max Jacob: dedicaram-lhe em 1903 um número especial de uma revista literária que ninguém leu. Depois, muito depois, vieram os surrealistas, caindo no outro extremo: desenterraram o já quase esquecido Jarry para colocá-lo nos altares; um dos pontífices do movimento chegou a declarar que *Ubu-Roi* vale mais que as obras completas de Shakespeare. Mas não foi moda efêmera. É indiscutível a influência profunda que Jarry exerceu sôbre tôda a vanguarda francesa: sôbre a poesia das grandes cidades e da vida quotidiana, de Léon-Paul Fargue; sôbre a poesia de *humour noir* de Audiberti; sôbre as audaciosas experiências lingüísticas de Michaux; sôbre Blaise Cendrars, que transmitiu uma centelha de irreverência jarriniana ao modernismo paulista; sôbre Fernand Lot, que dedicou a Jarry um estudo notável, só superado, depois, pela monografia da escritora suíça Carola Giedion-Walcker, que foi amiga de Joyce e Apollinaire. Desde então, o antiliterato Alfred Jarry tem, paradoxalmente, garantido seu lugar na história da literatura

moderna. Ubu é rei coroado e ungido de uma vanguarda que já deixou de ser vanguarda.

Jarry começara ridicularizando Ubu, caricatura do repugnante e tirânico professor secundário que lhe amargurara os dias de garôto no Colégio em Rennes. Tornando-se famoso por essa caricatura demolidora, Jarry acabou identificando-se com sua vítima, andando como Ubu e falando como Ubu. Foi sua máscara para defender contra amigos e inimigos íntimos sua *privacy* vulnerável e vulnerada. Criou-se um equívoco: Jarry teria sido o próprio Ubu e *Ubu-Roi* sua única obra notável ou, pelo menos, decisiva. Mas não é tanto assim. Alfred Jarry não é homem de um livro só. Sua Obra é volumosa e multiforme e suas obras, embora em parte dificilmente acessíveis, sempre são importantes e, às vêzes, de surpreendente atualidade.

Quando Jarry, jovem estudante, ainda vivia na Bretanha, a grande moda literária da época era o naturalismo à maneira de Zola. Sacrificando a êsse estilo, Jarry aproveitou as experiências dos seus dois anos de serviço militar obrigatório em Laval para escrever o romance *Les Jours et Les Nuits*, quadro repugnante de gente brutalizada, dir-se-ia bestializada e estupidificada pelo treinamento militar. Lògicamente, o personagem "heróico" do romance é Sengle, o desertor. Se, naquela época, círculos oficiais se tivessem dignado de ler êsse romance, estariam patriòticamente indignados. Mas cinqüenta anos mais tarde, os militares de Laval e outras localidades, derrotados por um inimigo estrangeiro ainda mais reacionário que êles próprios, deixaram de ser a honra e a esperança da Pátria Francesa, e André Gide escreveu, em 11 de maio de 1941, em seu *Journal* as palavras seguintes, que esprimiram a honra e a esperança da verdadeira Pátria Francesa: *"Je ne compte plus que sur les déserteurs"*. O desertor Sengle estava vindicado.

Em Paris, naqueles anos de 1895, o naturalismo já era *vieux jeu*. A gente trajava, então, simbolismo e decadentismo, lamentando em versos harmoniosos o fim

do século e do mundo. Jarry também virou simbolista e decadentista. Mas suas lamentações não se referiram ao passado e, sim, ao futuro, e seus versos não eram harmoniosos, mas deliberadamente ásperos ou, como se dizia então, "barrocos" (é, aliás, surpreendente a semelhança dêsses seus versos com os do maneirismo e barroco inglês, que Jarry não podia conhecer e não conhecia). De fato, as poesias do volume *Les Minutes de Sable Mémorial* são as primeiras poesias realmente vanguardistas da literatura francesa: influenciadas por Lautréamont, antecipam muitas vêzes o surrealismo de Breton.

É claro que em 1895 ninguém entendeu essa espécie de poesia. Mas achou alguns admiradores o romance *Messaline*, porque cheio de erudição arqueológica; e a obra teria, talvez, encontrado reconhecimento oficial, se a imperatriz romana fôsse um pouco menos ostensivamente ninfomaníaca.

Os interêsses científicos de Jarry eram muitos e não se limitaram à erudição clássica. Em *Le Surmâle*, o personagem principal é um técnico, um especialista em eletrônica *avant la lettre*. O romance antecipa a *science-fiction* e prediz muito exatamente os horrores que a técnica é capaz de desenfrear quando abusam dela os tecnocratas-ditadores; também vale mencionar, neste contexto, o poema *"Chanson Du Décervelage"*, que prediz a mistificação das massas pelo *brain-washing* da propaganda política.

Nem todos os estudos de Jarry podem ser levados a sério. Dos seus tempos de poeta simbolista tinha êle guardado certo interêsse pelas ciências ocultas e por brincadeiras cabalísticas; da sua mãe excêntrica tinha herdado uma forte veia de misticismo. Durante anos ocupava-o um esfôrço sério, embora involuntàriamente (ou voluntàriamente?) humorístico de "descobrir as leis que regem as exceções, para explicar o Universo Suplementar". Monumento dêsses estudos é o romance *Les Gestes et Opinions du Dr. Faustroll*, especialista em "Patafísica". Há quem goste dessas coisas. O poeta Queneau chegou mesmo a fundar (e manter até hoje) um

College de Pataphysique. Mas o fato de que um dos freqüentadores mais assíduos dessa sociedade de mistificadores é o dramaturgo do absurdo ou dramaturgo absurdo Ionesco, êsse fato basta para desmoralizar o negócio inteiro.

Os verdadeiros títulos de glória de Jarry são outros. Foi, em tudo, o primeiro. Já em 1894 descobriu Henri Rousseau, ao qual conferiu o título de *peintre-douanier* (mais tarde reinventado por Apollinaire); e Rousseau, agradecendo, retratou-o: — em companhia de um papagaio e de um camaleão. Jarry foi, em muitas coisas, um precursor. E o camaleão, que Henri Rousseau lhe deu como companheiro, é bem o símbolo da multiformidade das suas idéias antecipadas.

Precursor êle foi, em primeira linha, da vanguarda poética, e é justo, portanto, que a presente tradução de *Ubu-Roi* tenha sido confiada a Ferreira Gullar, um dos maiores poetas de vanguarda brasileira e autor de um livro original e indispensável sôbre o papel das vanguardas em país subdesenvolvido como o nosso. Já aludi à influência exercida por Jarry sôbre poetas como Cendrars, Audiberti, Michaux e Fernand Lot. Porém, muito antes, essa influência já foi sensível em Apollinaire e Max Jacob. E mais importante que êsses efeitos individuais da poesia de Jarry é seu impacto sôbre um movimento literário inteiro: sôbre o surrealismo.

Os surrealistas foram os primeiros que reconheceram a importância de Jarry como mestre de literatura (ou antiliteratura) e como mestre de um determinado estilo de vida. Deve-se aos surrealistas a intronização de Jarry como precursor da vanguarda do século XX. Realmente, certas páginas de Jarry, oscilando entre o humor-negro e a mística do absurdo, entre o real e o irreal, lêem-se hoje como se tivessem sido escritos por Breton ou Tzara, por Arp ou Crevel. Mas tinham êles o direito de anexar totalmente a memória de Jarry, como de um surrealista *avant la lettre*? Não se encontra em Jarry nada de escrita automática e truques parecidos, nem nada daquilo que transformaria, mais tarde, alguns surrealistas em adeptos da psicanálise e outros

em partidários do comunismo. Abstraindo-se das idéias esquisitas e (para dizer a verdade) imprestáveis da "Patafísica", Jarry nunca chegou a apresentar qualquer espécie de programa literário ou mesmo antiliterário. Nem quis. Seu espírito e sua ação foram totalmente e deliberadamente negativos. Como mestre da negação agressiva, Jarry está menos perto do surrealismo do que de um outro movimento, eclipsado por êste, talvez porque não nascera em solo francês: Jarry é, na verdade, o Grande Precursor de Dada.

Dada nasceu na Suíça durante a guerra, em 1916, como protesto contra a violência e corrupção de um mundo que merecia só um qualificativo: o da primeira palavra de *Ubu-Roi*. Já antes, em tempos de uma paz ilusória, tinha Jarry reconhecido essa antiqualidade de um mundo acadêmico-burguês-militar. Dada foi mal compreendido: como infantilismo agressivo. Jarry tampouco foi entendido. Ainda na edição de 1938 do *Manual Didático Oficial de História Literária*, de Marcel Braunschviq, *Ubu-Roi* é citado como exemplo de "Teatro Cômico", ao lado de um fabricante de peças de *boulevard* como Feydeau. Hoje, a perspectiva já é diferente: Jarry parece-nos o precursor do Teatro do Absurdo.

Ubu-Roi é, em tudo, a primeira peça do Teatro do Absurdo. Mas essa verificação permite imediatamente fazer as distinções indispensáveis. Jarry não tem nada que ver com o pessimismo metafísico de Samuel Beckett e muito menos com a frivolidade pré-acadêmica de Ionesco. Seu humor não deixa de ser cartesiano: é a demonstração rigorosamente lógica de uma tese, embora esta seja absurda. Saindo do decadentismo poético da sua mocidade, Jarry reconhece e admite que o mundo em seu redor está decadente. Por que negá-lo? Mas a reação de Jarry não é chorosa como a de um Samain ou Moréas. É, exatamente, a mesma reação — numa famosa página do *Ulysses*, de Joyce — dos judeus exilados na Babilônia: "*... and ther sit down by the waters of babalong and laugh*". As lágrimas dêste mundo, Jarry demoraliza-as, demonstrando que são absurdas. Seu lema poderia ser: "*A un Absurde, Absurde et Demi*". E

a denúncia dêsse absurdo é a primeira palavra de *Ubu-Roi*.

É uma manifestação deliberadamente antiliterária. Por isso mesmo não se limita à revolta contra a literatura, oficial ou outra. É expressão de uma revolta geral, que já começou com a revolta antimilitarista de *Les Jours et les Nuits* e continua com a revolta digamos anti-escolar de *Ubu-Roi*.

Também a êsse respeito é Jarry um precursor. *Ubu-Roi* é de 1896. O decênio seguinte assiste a um movimento literário (embora até hoje ainda não registrado nem percebido pelos historiadores da literatura) de revolta contra a escola. Basta citar o romance *A.M.D.G.* (1910), de Pérez de Ayala, com sua tendência contra a educação nos colégios jesuíticos da Espanha, e *A Portrait of the Artist as a Young Man* (1916) de Joyce. São variantes trágicas do tema. Uma variante tragicômica é o romance *Professor Unrat* (1905), de Heinrich Mann, cujo enrêdo todo mundo conhece pelo filme *O Anjo Azul:* Unrat é o professor tirânico, que persegue implacàvelmente os alunos, descobrindo nêles a perversão moral de que êle próprio se tornará vítima. O Prof. Unrat é o irmão mais nôvo de *Ubu-Roi*.

Alfred Jarry escreveu a peça em 1888, com quinze anos de idade, quando aluno do Liceu de Rennes, para ridicularizar um professor de Matemática, Héber, que os garotos costumavam chamar de Père Hébé. Ubu é, como Unrat, um monstro em sentido moral. Também é um monstro em sentido físico: uma barriga gigantesca que se movimenta por meio de duas pernas frágeis; a cabeça é pequena, mas a dentadura é a de um tubarão. A essa monstruosidade física corresponde o comportamento: a criatura é burlesca, cruel, covarde, estúpida, infernal. Tiraniza os alunos, assim como é tirânico qualquer pequeno-burguês, quando dispõe de poder sôbre outros. Ubu é mais que um tirano de colégio secundário. É um símbolo social e uma profecia política. Ubu é o arquétipo dos ditadores cruéis e estúpidos do século XX. E Ubu é rei: personifica o poder totalitário do Estado Fascista. Contra sua tirania só adianta a revolta total

dos seus desgraçados súditos, representados no palco pelos infelizes alunos. *Ubu-Roi* é peça profética: antecipa a revolta da mocidade.

Essa relação entre a peça de 1896 e sua representação na vida, na segunda metade do século XX, permite definir a posição histórica de *Ubu-Roi*.

Durante muito tempo, a historiografia literária oficial não se dignou de tomar conhecimento da existência de Alfred Jarry. Seu nome não aparece nem sequer nas últimas edições do Lanson. Mas depois do surrealismo já não foi possível ignorá-lo. Para desintoxicar a coisa, procuravam-se casos parecidos na história literária da França. Os mestres-escola lembravam-se, então, da famosa e turbulenta representação, em 1830, do *Hernani*, de Victor Hugo, considerada como data do nascimento do romantismo. E diziam que a representação de *Ubu-Roi* no Théâtre de L'Oeuvre, em 10 de dezembro de 1896, teria sido a "Bataille D'Hernani da Vanguarda". Essa comparação me parece estúpida, digna de uma aula de literatura do Prof. Ubu. Pensando nas conseqüências e efeitos, proponho outra definição: — a representação de *Ubu-Roi* em 10 de dezembro de 1896 foi o primeiro *happening*.

Que vem a ser um *happening?* Não é mera baderna jocosa. Um verdadeiro *happening* é um ato aparentemente absurdo pelo qual se pretende perturbar um ato sério e cerimonioso de outros para torná-lo também absurdo, desmascarando-o e denunciando-o. Um exemplo: na Universidade de Munique, o ano letivo costuma ser inaugurado por uma espécie de procissão dos professôres catedráticos que, vestidos com suas togas pretas, andam lentamente para a sessão solene na Reitoria; em 1969, os estudantes acompanharam essa "Procissão", usando máxi-vestidos prêtos e saracoteando em ritmo de valsa: o prestígio dos catedráticos sofreu irremediável abalo.

Cada representação, passada, presente ou futura de *Ubu-Roi* é um *happening*. Assim, é um protesto dos alunos e ex-alunos de Ubu contra todos os Ubus dêste mundo. O método do protesto parece extravagante: que pode

uma peça burlesca contra instituições sagradas, defendidas por todos os podêres? Um pensador alemão contemporâneo, Guenther Anders, explica: *"Happenings* são encenados por aquêles que não têm poder nenhum e não possuem ou ainda não possuem fôrça para modificar radicalmente ou abolir instituições execráveis. São sucedâneos de ação verdadeira, às vêzes atos de desespêro, embora parecendo humorísticos. Os que possuem ou representam o poder nunca encenam *happenings* (embora suas cerimônias, desfiles, procissões e recepções se apresentem tão absurdas como *happenings*). Não precisam. Mas tampouco podem. Pois o exercício do poder torna tão lamentàvelmente sérios os poderosos que ficam incapazes de compreender o humor desta coisa ou de qualquer coisa" — e, para citar outra vez os versos de Racine: insistem em cometer atos de "imprudência e êrro, precedentes funestos da caída dos reis". A resposta de Jarry só podia ser esta: "Merde!"

Ubu-Roi é uma "coisa" humorística daquela categoria. Seu valor literário pode ser discutido e até contestado. Mas fica acima de qualquer dúvida a atualidade de Ubu-Roi.

UBU REI
OU
OS POLONESES

Retrato fiel do Sr. Ubu.

Ce Livre*

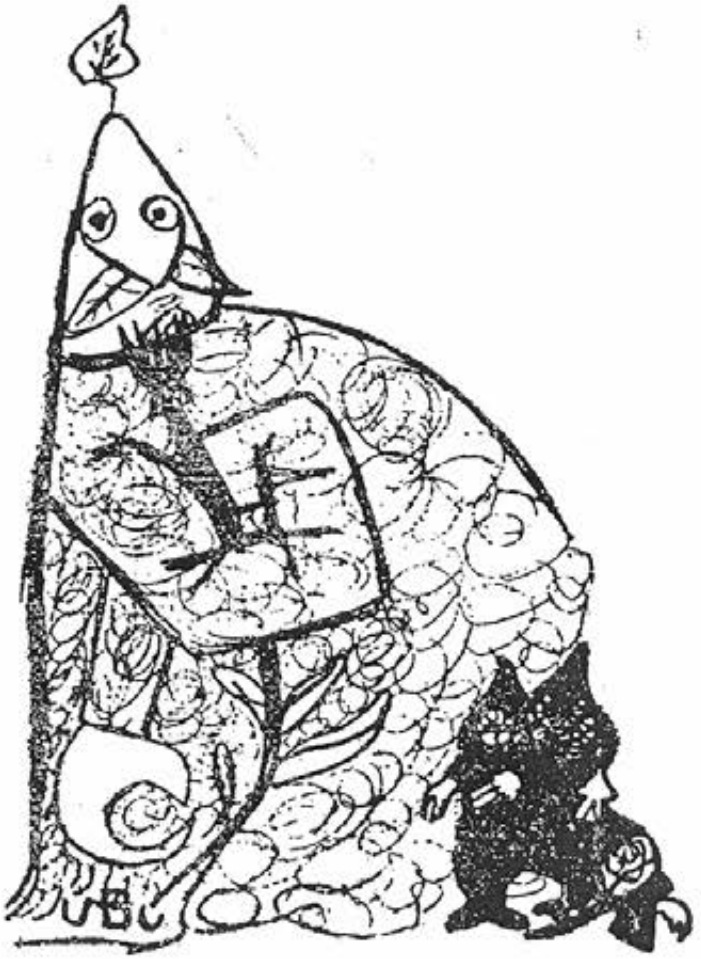
est dédié

à

MARCEL SCHWOB

Adonc le Père Ubu
hoscha la poire, dont
fut depuis nommé
par les Anglois
Shakespeare, et avez
de lui sous ce nom
maintes belles tragoe-
dies par escript.

* Reprodução em francês da dedicatória do autor.



Reprodução da capa do lançamento de *Ubu Rei*.

Outro retrato do Sr. Ubu.

Personagens

Pai Ubu
Mãe Ubu
Capitão Bordadura
Rei Venceslau
Rainha Rosamunda
Boleslau
Ladislau
Bugrelau
General Lascy
Stanislau Sobieski
Imperador Alexis
Girão
Pila
Cotica
Conjurados e Soldados
Povo
Miguel Federovitch
Nobres
Magistrados
Conselheiros
Financistas
Guardas de Finanças
Camponeses
Exército Russo
Exército Polonês
Os Guardas de Mãe Ubu
Um Capitão

Um Urso
O Cavalo de Finanças
A Máquina de Decapitar
A Equipagem
O Comandante

Alfrel Jarry em 1906. Desenho de F.-A. Cazals.

Primeiro Ato

Cena I

Pai Ubu, Mãe Ubu.

PAI UBU

Merdra!

MÃE UBU

Que coisa mais engraçada, Pai Ubu. Tu és um grosso!

PAI UBU

Mãe Ubu, Mãe Ubu, ainda te mato de pancada!

MÃE UBU

Não é a mim que deves matar, mas a outra pessoa.

PAI UBU

Juro pelos meus chifres* que não estou entendendo!

MÃE UBU

Vais me dizer, agora, que te consideras um homem realizado.

PAI UBU

Por meus chifres, merdra, madame, claro que me considero. Ou pelo menos, poderia me considerar: capitão de Dragões, oficial de confiança do rei Venceslau, condecorado com a Ordem da Águia Vermelha da Polônia e antigo rei de Aragão, que queres mais?

MÃE UBU

O quê?! Depois de teres sido rei de Aragão, te dás agora por satisfeito em passar em revista cinco dezenas de lacaios armados de facão-de-cozinha? Isso quando poderias pôr em cima da cuca, depois da coroa de Aragão, a coroa da Polônia!

De par ma chandelle verte é a expressão de Jarry, intraduzível, referência a uma peça escrita por êle quando estudante. Essa expressão aparecerá várias vêzes na peça, como uma espécie de idiossincrasia de Ubu. Pode-se admitir outras intenções de Jarry, como referência a *tenir la chandelle*, agir como côrno manso.

PAI UBU

Não sei aonde pretendes chegar.

MÃE UBU

De burro que és!

PAI UBU

Mas por meus chifres, Mãe Ubu, o rei Venceslau ainda está aí vivinho da silva! E, mesmo que morra, tem filhos, uma legião de filhos.

MÃE UBU

E quem te impede de trucidar tôda a família e usurpar o trono?

PAI UBU

Escuta aqui, Mãe Ubu: mais um insulto dêsses e te visto um pijama de madeira.

MÃE UBU

Infeliz, se me vestes um pijama de madeira, quem é que vai remendar teus fundilhos?

PAI UBU

Ih, é mesmo! Mas e daí? Minha bunda não é melhor que a dos outros.

MÃE UBU

Pois se essa bunda fôsse minha, trataria de sentá-la num trono. Poderias aumentar infinitamente tuas posses, comer lingüiça quando te desse vontade e passear de côche pelas ruas...

PAI UBU

Se eu fôsse rei de nôvo, mandaria fazer pra mim uma enorme capelina igual àquela que tinha em Aragão e que os vigaristas dos espanhóis me roubaram descaradamente.

MÃE UBU

Poderias comprar um guarda-chuva e uma japona comprida até os calcanhares.

PAI UBU

Entrego os pontos, não resisto à tentação. Aquêle velhaco de merdra, merdra de velhaco, se o pegasse sòzinho num bosque, ah, êle passaria um mau quarto de hora!

MÃE UBU

Isso sim, Pai Ubu, agora falas como um homem de verdade!

PAI UBU

Não, não dá pé! Eu, capitão de Dragões, matar o rei da Polônia? Antes a morte!

MÃE UBU

(*À parte.*) Que merdra! (*Alto.*) Dêsse jeito vais continuar miserável como um rato.

PAI UBU

Pela pança de Deus, por meus chifres, prefiro ser um miserável rato, magro mas bonzinho, do que ser rico como um rato gordo e malvado.

MÃE UBU

E a capelina, Pai Ubu? e o guarda-chuva? e a japona?

PAI UBU

Ora, não enche, Mãe Ubu! (*Sai batendo a porta.*)

MÃE UBU

Vôtre, merdra, não está fácil dobrá-lo, merdra, mas

tenho certeza que o conseguirei. Graças a Deus e a mim mesma, dentro talvez de uns oito dias, serei rainha da Polônia.

Cena II

A cena se passa numa sala da casa de Pai Ubu onde a mesa está posta para um banquete. Pai Ubu, Mãe Ubu.

MÃE UBU

Nossos convidados estão demorando muito.

PAI UBU

É mesmo, por meus chifres! Morro de fome. Estás horrenda, Mãe Ubu. Será que é por que vamos receber visitas hoje?

MÃE UBU

(*Dando de ombros.*) Merdra!

PAI UBU

(*Pegando um frango assado.*) Puxa, que fome! Vou dar uma dentada nesse bicho. Parece frango. Não está mal.

MÃE UBU

Que estás fazendo, desgraçado? Que é que os convidados vão comer?

PAI UBU

Sobrará bastante pra êles. Não tocarei em mais nada. Mãe Ubu, dá uma espiada pela janela, vê se já estão chegando.

MÃE UBU

(*Chegando à janela.*) Nem sinal. (*Enquanto isso, Pai Ubu rouba um pedaço de vitela.*)

MÃE UBU

Enfim, o capitão Bordadura* e seus companheiros! Que estás comendo aí, Pai Ubu?

* Bordadura, *Bordure*. Têrmo de Heráldica: faixa estreita que contorna o escudo.

PAI UBU

Eu? Nada, um pedacinho de vitela.

MÃE UBU

Meu Deus, a vitela! a vitela! Êle comeu a vitela! Socorro!

PAI UBU

Juro por meus chifres, que vou te arrancar os olhos!

(*Abre-se a porta.*)

Cena III

Pai Ubu, Mãe Ubu, Capitão Bordadura e seus companheiros.

MÃE UBU

Bom dia, senhores, já estávamos impacientes. Sentem-se por favor.

BORDADURA

Bom dia, madame. Mas onde está Pai Ubu?

PAI UBU

Aqui mesmo, meu caro. Credo em cruz, por meus chifres, até que não sou tão magro assim.

BORDADURA

Bom dia, Pai Ubu. Sentem-se, rapazes. (*Sentam-se todos.*)

PAI UBU

Êta, um pouco mais e a cadeira se desmanchava.

BORDADURA

Mas, Mãe Ubu, o que é que você tem de bom pra nós?

MÃE UBU

Ouçam o *menu*.

PAI UBU

Ôba, isso me interessa.

MÃE UBU

Sopa polonesa, costelas de ratrão*, vitela, frango, *pâté* de cachorro, sobrecu de peru, compota russa...

* *Côtes de rastron*. Nossa tradução é arbitrária em sua referência a rato. A expressão de Jarry alude possivelmente a um colega de ginásio.

PAI UBU

Suponho que seja o bastante. Ou ainda há mais?

MÃE UBU

Bomba, salada, frutas, carne cozida, topinambor, couve-flor à la merdra.

PAI UBU

Ei, você pensa que eu sou um paxá pra arcar com tamanha despesa?

MÃE UBU

Não liguem, êle é um imbecil.

PAI UBU

Espera aí que eu vou afiar meus dentes nas tuas canelas.

MÃE UBU

Come primeiro, Pai Ubu. É a sopa.

PAI UBU

Ai, velhaca! Que troço ruim!

BORDADURA

Realmente, não está bom.

MÃE UBU

Cambada de judeus, que querem mais?

PAI UBU

(*Batendo na testa.*) Tenho uma idéia. Volto já. (*Sai.*)

MÃE UBU

Senhores, vamos à vitela.

BORDADURA

Deliciosa, já terminei.

MÃE UBU

Agora, aos sobrecus.

BORDADURA

Um sabor requintado! Viva Mãe Ubu!

TODOS

Viva Mãe Ubu!

PAI UBU

(*De volta.*) Daqui a pouco, estarão gritando viva Pai Ubu. (*Traz uma enorme vassoura que sacode sôbre a mesa do banquete.*)

MÃE UBU

Que estás fazendo, miserável?

PAI UBU

Provem, provem. (*Vários provam e caem envenenados.*)

PAI UBU

Mãe Ubu, passe-me as costeletas de ratrão, que eu mesmo sirvo.

MÃE UBU

Toma.

PAI UBU

Pra fora, todo mundo! Capitão Bordadura, quero falar com você.

OS OUTROS

Mas ainda não comemos.

PAI UBU

Como não comeram?! Pra fora todos! Bordadura, você fica (*Ninguém se move.*)

PAI UBU

Não vão embora, é? Juro por meus chifres que vou rebentá-los a golpes de costeleta de ratrão. (*Começa a jogar costeletas nêles.*)

TODOS

Pára com isso! Socorro! Ajudem-nos! Desgraça! Êle me mata!

PAI UBU

Merdra, merdra, merdra. Rua! Estou no meu papel.

TODOS

Salve-se quem puder! Pai Ubu miserável! tarado! traidor! tratante!

PAI UBU

Enfim, se foram! Agora posso respirar, mas comi muito mal. Vem cá, Bordadura. (*Saem os dois com Mãe Ubu.*)

Cena IV

Pai Ubu, Mãe Ubu, Capitão Bordadura.

PAI UBU

E então, capitão, comeu bem?

BORDADURA

Sim, bem, menos a merdra.

PAI UBU

Ué, até que a merdra não estava ruim.

BORDADURA

Gôsto não se discute.

PAI UBU

Capitão Bordadura, estou disposto a fazê-lo Duque de Lituânia.

BORDADURA

Mas como? Julgava que o senhor estivesse na... merdra, Pai Ubu.

PAI UBU

Modéstia à parte, capitão, dentro de alguns dias reinarei sôbre a Polônia.

BORDADURA

Vai matar Venceslau?

PAI UBU

Até que êsse velhaco não é de todo burro, adivinhou.

BORDADURA

Se se trata de matar Venceslau, pode contar comigo. Sou seu inimigo mortal e respondo por meus homens.

PAI UBU

(*Jogando-se sôbre êle para abraçá-lo.*) Ah, como gosto de você, Bordadura!

BORDADURA

Não, Pai Ubu, você fede demais. Nossa mãe! Nunca toma banho?

PAI UBU

Raramente.

MÃE UBU

Nunca.

PAI UBU

Piso teu pé, ouviu?

MÃE UBU

Merdralhão!

PAI UBU

Bem, Bordadura, estamos acertados. Pode ir. Juro por meus chifres, pela Mãe Ubu, que farei de você Duque de Lituânia.

MÃE UBU

Mas...

PAI UBU

Cala essa bôca, meu anjo...

(*Saem.*)

Cena V

Pai Ubu, Mãe Ubu, um mensageiro.

PAI UBU

Que deseja o senhor? Vá-se embora e não chateie.

MENSAGEIRO

Senhor, o rei manda chamá-lo.

(*O mensageiro sai.*)

PAI UBU

Que merdra! *jarnicotonbleu**, por meus chifres,

* *Jarnicotonbleu* — *jarni*, espécie de juramento que os autores cômicos franceses punham na bôca dos camponeses, corruptela da expressão *je rénie* (eu renego) acrescida da palavra *bleu* por *dieu*. Hen-

fui descoberto, vou ser decapitado, ai meu Deus, coitado de mim!

MÃE UBU

Que homem frouxo! e o tempo urge.

PAI UBU

Ah, já sei: vou dizer que foi coisa de Mãe Ubu e de Bordadura.

MÃE UBU

Ah, seu grande PU, se tu te atraveres...

PAI UBU

Se me atrevo? E vou agora mesmo.

(*Sai.*)

MÃE UBU

(*Correndo atrás dêle.*) Pai Ubu, Pai Ubu, vem cá! Te dou lingüiça, Pai Ubu.

(*Ela sai.*)

rique IV tinha a mania de exclamar a todo momento *jarnidieu* (renego Deus). Seu confessor, o Padre Coton, mostrou-lhe a inconveniência da expressão, pedindo-lhe que passasse a exclamar *jarnicoton* (renego Coton). Jarry coloca ao final a palavra *bleu* — *jarnicoton-bleu* — reafirmando a heresia que o padre Coton quis evitar e fazendo alusão a *Cordon Bleu*, célebre ordem da Cavalaria.

PAI UBU

(*Fora de cena.*) Vai à merdra! Não vais mais botar banca comigo, sua lingüiça!

Cena VI

Palácio do Rei.

Rei Venceslau, rodeado de oficiais, Bordadura, os filhos do rei: Boleslau, Ladislau e Bugrelau. Depois, Pai Ubu.

PAI UBU

(*Entrando.*) Sabeis muito bem que não tenho nada a ver com isso. Foi Mãe Ubu e Bordadura.

REI

Que há contigo, Pai Ubu?

BORDADURA

Bebeu demais.

REI

Como eu, esta manhã.

PAI UBU

É, estou um pouco tonto, abusei do vinho francês.

REI

Pai Ubu, quero recompensar-te pelos incontáveis serviços que prestaste como capitão de Dragões, fazendo-te hoje mesmo conde de Sendomir.

PAI UBU

Majestade, não sei como agradecer-vos.

REI

Nada tens que agradecer, Pai Ubu, e estejas amanhã de manhã na solenidade de revista às tropas.

PAI UBU

Lá estarei, mas aceite, por favor, esta flautinha de presente.

(*Mostra ao rei uma flauta*)

REI

Que vou fazer com uma flauta, Pai Ubu? Darei a Bugrelau.

JOVEM BUGRELAU

Êsse Pai Ubu é um boboca.

PAI UBU

E agora me arranco... (*Cai, ao se voltar.*) Ui, ai! Socorro! Por meus chifres! Acho que rompi os intestinos e quebrei a bunda!

REI

(*Levantando-o.*) Estás machucado, Pai Ubu?

PAI UBU

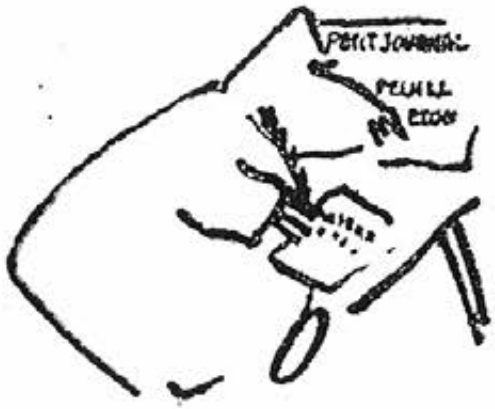
Creio que sim, majestade, vou morrer na certa. Que vai ser de Mãe Ubu?

REI

Não se preocupe, o sustento dela estará assegurado, Pai Ubu.

PAI UBU

Sois a bondade em pessoa. (*Sai.*) É, rei Venceslau, mas nem por isso escaparás da morte.



Cena VII

Casa de Pai Ubu.
Girão, Pila, Cotica, Pai Ubu, Mãe Ubu, conspiradores e soldados, capitão Bordadura.

PAI UBU

Caros amigos, já é tempo de estabelecermos o plano da conspiração. Cada um deve dar sua opinião. Darei a minha primeiro, se os senhores permitirem.

BORDADURA

Fale, Pai Ubu.

PAI UBU

Pois bem, meus amigos, sou de opinião que se deve simplesmente envenenar o rei, misturando-lhe ar-

sênico na comida. Quando se empanturrar, cairá morto, e eu me tornarei rei da Polônia.

TODOS

Assim também não, é muita sordidez!

PAI UBU

Ué, não gostaram? Então que opine o Bordadura.

BORDADURA

Na minha opinião, devemos matá-lo com um golpe de espada que o abra ao meio, da cabeça à cintura.

TODOS

Muito bem! Isso é agir com nobreza e bravura.

PAI UBU

E se êle cair de pontapés em vocês? Estou me lembrando agora que para passar em revista as tropas, êle usa uns sapatos de ferro que podem fazer estrago na canela dum. Eu devia era denunciar vocês todos para me safar dêsse negócio sujo, e estou certo de que o rei ainda me daria dinheiro por isso.

MÃE UBU

Traidor, covarde, vilão, sórdido interesseiro!

TODOS

Vamos cuspir nêle, pessoal!

PAI UBU

Calma, senhores, muita calma, se não querem visitar meu papo*. Está bem, consinto em me expor a todos os riscos por vocês. Sendo assim, Bordadura, tu te encarregas de abrir o rei ao meio.

BORDADURA

Não seria melhar nos jogarmos todos ao mesmo tempo em cima dêle, berrando e lhe dando dentadas? Assim, seria mais fácil de arrastar conosco as tropas.

PAI UBU

Está bem. Eu me encarrego de pisar no pé dêle. Vai achar ruim e então eu lhe responderei: MERDRA — e essa será a senha para que vocês ataquem.

* Traduzimos *mes poches* por *meu papo*, que é uma das acepções da palavra. É preciso ter sempre em mente que Pai Ubu não é pròpriamente um homem, mas um ser monstruoso, pré-humano (Ubu vem

MÃE UBU

Sim, e logo que êle esteja morto, pegarás o cetro e a coroa.

BORDADURA

E eu então sairei com meus homens em perseguição à família real.

PAI UBU

Certo, e te recomendo especialmente o jovem Bugrelau.

(*Saem.*)

PAI UBU

(*Correndo atrás dêles e fazendo-os voltar.*) Senhores, esquecemos uma cerimônia indispensável. Temos de jurar que todos nós lutaremos com desprendimento.

BORDADURA

Como vamos fazer o juramento se não há um padre aqui?

de Ybex, morcêgo, e de Hibou, môcho). A palavra *poche* (bôlso, papo) guarda na língua original sua dupla significação já que Ubu traz sempre seu "bastão de física" metido no bôlso, conforme as indicações e os desenhos de Jarry.

PAI UBU

Mãe Ubu fará as vêzes do padre.

TODOS

Bem, vá lá.

PAI UBU

Juram que matarão o rei?

TODOS

Juramos. Viva Pai Ubu!

Segundo Ato

Cena I

Palácio do Rei.
Venceslau, a rainha Rosamunda, Ladislau e Bugrelau.

REI

Senhor Bugrelau, foi muito impertinente a maneira como vos comportastes esta manhã com o Sr. Ubu, cavaleiro de minhas Ordens e conde de Sendomir. Por essa razão, proibo-vos de comparecer, hoje, à cerimônia de revista às tropas.

RAINHA

Em compensação, Venceslau, não tereis lá bastante gente de vossa família para vos defender.

REI

Senhora, jamais volto atrás em minha palavra. Vossas tolices me aborrecem.

BUGRELAU

Senhor meu pai, submeto-me às vossas ordens.

RAINHA

Quer dizer, Senhor, que estais mesmo disposto a ir a essa cerimônia?

REI

Por que não?

RAINHA

Não vos contei o outro sonho que tive em que éreis trucidado e jogado no Vístula? E que uma águia igual à que figura nas armas da Polônia colocava a coroa na cabeça dêle?

REI

Dêle quem?

RAINHA

Pai Ubu.

REI

Que loucura! O Sr. Ubu é um fidalgo muito digno que obedece cegamente às minhas ordens.

RAINHA E BUGRELAU

Quanto equívoco!

REI

Cala essa bôca, jovem porcalhão. Quanto à senhora, para vos mostrar quão pouco temo o Sr. Ubu, irei à revista das tropas como estou aqui, sem armas e sem espada.

RAINHA

Fatal imprudência, não tornarei a vê-lo vivo.

REI

Ladislau, Boleslau, vinde comigo.

(Saem. A rainha e Bugrelau vão até a janela.)

RAINHA E BUGRELAU

Que Deus os guarde e o grande São Nicolau.

RAINHA

Bugrelau, vem comigo à capela. Vamos rezar por teu pai e teus irmãos.

Cena II

Pátio de revistas.
Exército polonês, Rei, Boleslau, Ladislau, Pai Ubu, Capitão Bordadura e seus homens, Girão, Pila, Cotica.*

REI

Nobre Pai Ubu, acompanhai-me com vossa comitiva para inspecionarmos as tropas.

PAI UBU

(*Aos seus.*) Atenção, vocês aí. (*Ao rei.*) Vamos, majestade, vamos. (*Os homens de Ubu cercam o rei.*)

* Giron, Pile, Cotice são têrmos de Heráldica.

REI

Êste é o regimento de guardas montados de Dantzick. Uma tropa exemplar, na minha opinião.

PAI UBU

O Senhor acha? Pois me parecem mendigos. Olhe aquêle ali. (*Ao soldado.*) Seu tratante, há quanto tempo não fazes a barba?

REI

Mas êsse soldado está impecável. Que há com o senhor, Pai Ubu?

PAI UBU

Isto! (*Pisa-lhe o pé.*)

REI

Miserável!

PAI UBU

MERDRA! Soldados, comigo!

BORDADURA

Hurrah! Avançar! (*Todos atacam o rei, um Palhadino* se exalta.*)

* *Palotin.* Montagem jarriniana da palava *palatin* (paladino) com *palot* (boçal).

REI

Ai, Socorro! Santa Virgem, estou morrendo.

BOLESLAU

(*A Ladislau.*) Que se passa? Lutemos.

PAI UBU

É minha, a coroa! Agora, os outros!

BORDADURA

Abaixo os traidores! (*Os filhos fogem, todos os perseguem.*)

Cena III

A rainha e Bugrelau.

RAINHA

Vejo que meus temores eram infundados.

BUGRELAU

Claro. A senhora não tinha motivo algum para preocupar-se.

(*Vem de fora uma zoada assustadora.*)

BUGRELAU

Veja! Pai Ubu e seus homens perseguem meus dois irmãos.

RAINHA

Deus do Céu! Virgem Santa, vão alcançá-los!

BUGRELAU

O exército inteiro acompanha Pai Ubu. O rei não está mais lá. Que desgraça! Socorro!

RAINHA

Mataram Boleslau! Uma bala o atingiu.

BUGRELAU

Ladislau! (*Êle se volta.*) Coragem, defende-te!

RAINHA

Oh! Êle está cercado.

BUGRELAU

Veja! Bordadura acaba de cortá-lo em dois feito uma salsicha.

RAINHA

Pobre de mim! Os rebeldes invadem o palácio, sobem as escadas.

(*O tumulto aumenta.*)

RAINHA E BUGRELAU

Deus do céu, defendei-nos!

BUGRELAU

Arre, Pai Ubu! Se eu pegasse êsse miserável...

Cena IV

Os mesmos. A porta é arrombada. Pai Ubu entra seguido dos sublevados.

PAI UBU

Bugrelau, que pretendes fazer agora?

BUGRELAU

Juro que defenderei minha mãe até à morte! O primeiro que der um passo à frente morrerá!

PAI UBU

Bordadura, Bordadura, estou com mêdo! Quero ir embora.

UM SOLDADO

(*Avança.*) Entrega-te, Bugrelau!

BUGRELAU

Toma, atrevido! É o que mereces! (*Parte-lhe o crânio.*)

RAINHA

Boa, Bugrelau, isso mesmo!

VÁRIOS AVANÇAM

Bugrelau, prometemos poupar-te a vida.

BUGRELAU

Bandidos, beberrões, mercenários sórdidos!

(*Gira a espada em tôrno, provocando um massacre.*)

PAI UBU

Nossa !Vou me arrancar daqui de qualquer jeito.

BUGRELAU

Foge, mãe, sai pela escada secreta.

RAINHA

E tu, meu filho, e tu?

BUGRELAU

Irei já.

PAI UBU

Peguem a rainha, ela está fugindo. Quanto a ti, miserável!

(*Avança para Bugrelau.*)

BUGRELAU

Deus é grande! Agora me vingo! (*Descose-lhe a barriga com terrível golpe de espada.*) Estou indo, mãe! (*Desaparece pela escada secreta.*)

Cena V

Uma caverna nas montanhas.
Bugrelau entra seguido da rainha.

BUGRELAU

Aqui estaremos seguros.

RAINHA

Creio que sim. Bugrelau, ajuda-me. (*Ela cai na neve.*)

BUGRELAU

Mãe, estás te sentindo mal?

RAINHA

Estou muito doente. Não terei mais que duas horas de vida.

BUGRELAU

Que estás sentindo, mãe? Terá sido o frio?

RAINHA

Como queres que eu resista a tantos golpes? O rei assassinado, nossa família destruída, e tu, representante da mais nobre raça que já empunhou uma espada, forçado a se esconder nas montanhas como um bandido.

BUGRELAU

E por culpa de quem, meu Deus? de quem? Dêsse abjeto Pai Ubu, aventureiro saído não se sabe de onde, crápula dos mais vis, mísero vagabundo! E quando penso que meu pai o condecorou e fêz dêle conde e que, no dia seguinte, êsse bandido não teve pejo de erguer o braço contra êle.

RAINHA

Oh, Bugrelau! Quando me lembro o quanto éramos felizes antes da chegada de Pai Ubu! Mas agora, ai de mim, tudo mudou !

BUGRELAU

Calma. Tenhamos esperança e não renunciemos jamais aos nossos direitos.

RAINHA

É o que deves fazer, meu caro filho, mas para mim está tudo terminado, não verei um nôvo dia de felicidade.

BUGRELAU

Mãe, que tens? Ela empalidece, desmaia, socorro! Mas estou num deserto! Oh, meu Deus, o coração dela parou de bater. Está morta. Será possível? Mais uma vítima de Pai Ubu. (*Esconde o rosto nas mãos e chora.*) Oh, Deus, como é terrível se ver sòzinho aos quatorze anos e tendo sôbre os ombros o encargo de uma terrível vingança!

(*Cai em profunda prostração. Enquanto isso, as almas de Venceslau, Boleslau, Ladislau e Rosamunda, seguidas de seus ancestrais, entram na caverna. O mais velho se aproxima de Bugrelau e o chama docemente.*)

BUGRELAU

Que vejo? Minha família inteira, meus ancestrais... É um milagre!

SOMBRA

Bugrelau, quando vivo fui o Sr. Mathias de Konigsberg, o primeiro rei e o fundador de nossa Casa. Confio-te a missão de nos vingar. (*Entrega-lhe uma enorme espada.*) E que esta espada que te entrego não tenha repouso enquanto viver o usurpador.

(*Todos desaparecem e Bugrelau fica só em atitude de transe.*)

Cena VI

Palácio do Rei.
Pai Ubu, Mãe Ubu e
Capitão Bordadura

PAI UBU

Não, nem um tostão! Queres me arruinar por causa dêsses idiotas?

BORDADURA

Entenda, Pai Ubu, o povo espera algo de bom, um gesto generoso.

MÃE UBU

Ou mandas dar carne e ouro ao povo, agora, ou estarás deposto em menos de duas horas.

PAI UBU

Carne, sim! ouro não! Abatam três cavalos velhos, e êsses berdas-merdras que se dêem por muito satisfeitos.

MÃE UBU

O principal berda-merdra aqui és tu mesmo. Como pode existir, meu Deus, semelhante bêsta?

PAI UBU

Escutem mais uma vez: quero ficar rico, entenderam? Não soltarei um vintém.

MÃE UBU

Isso quando temos nas mãos todos os tesouros da Polônia.

BORDADURA

É verdade. Sei de um imenso tesouro que há na capela. Vamos distribuí-lo ao povo.

PAI UBU

Ah, miserável, se fizeres isso!

BORDADURA

Mas, Pai Ubu, se não dás nada ao povo, êle não pagará os impostos.

PAI UBU

Isso é verdade?

MÃE UBU

Mas claro!

PAI UBU

Neste caso, topo tudo. Tragam quatro milhões em moeda, cozinhem cento e cinqüenta bois e carneiros. Quanto mais comida melhor, sobrará pra mim também.

(*Saem.*)

Cena VII

Pátio do palácio cheio de gente do povo. Pai Ubu coroado, Mãe Ubu, Bordadura, criados carregados de carne.

POVO

Olha lá o rei! Viva o rei! Vivaaa!

PAI UBU

(*Jogando ouro.*) Tomem, é pra todos. Não acho nenhuma graça em dar meu ouro a vocês mas, sabem como é, Mãe Ubu quis dar. Prometam, pelo menos, que pagarão os impostos.

TODOS

Pagaremos! Pagaremos!

BORDADURA

Mãe Ubu, veja como êles disputam o ouro. É uma verdadeira batalha.

MÃE UBU

Coisa horrível. Veja aquêle lá com o crânio partido.

PAI UBU

Que espetáculo maravilhoso! Tragam mais caixas de ouro, tragam.

BORDADURA

E se promovêssemos uma disputa?

PAI UBU

Boa idéia. Uma corrida.

(*Ao povo.*)

PAI UBU

Amigos, aqui está uma caixa cheia de ouro. Ela contém trezentos mil nobres-da-rosa em ouro, moeda polonesa de bom quilate. Os que desejarem participar da disputa coloquem-se n ofim do pátio. Quando eu der o sinal com o lenço, comecem a correr, e quem chegar primeiro ganhará a caixa

de ouro. Quanto aos demais, terão como consolação esta outra caixa que será dividida entre todos.

TODOS

Viva Pai Ubu! Rei bom está aí! No tempo de Venceslau, a gente não ganhava tanto dinheiro.

PAI UBU

(*À Mãe Ubu, entusiasmado.*) Ouve o que êles dizem! (*Todo o povo vai se colocar no fundo do pátio.*)

PAI UBU

Um, dois, três. Todos a postos?

TODOS

Sim, sim!

PAI UBU

Já! (*Partem uns tentando derrubar os outros. Gritos e tumulto.*)

BORDADURA

Estão chegando! Estão chegando!

PAI UBU

Ei! o primeiro está perdendo terreno.

MÃE UBU

Não, êle reage agora.

BORDADURA

Ih, vai perder, vai perder! Pronto, venceu o outro! (*O que estava em segundo lugar vence a corrida.*)

TODOS

Viva Miguel Federóvitch! Viva Miguel Federóvitch!

MIGUEL

Senhor, não sei como agradecer a Vossa Majestade...

PAI UBU

Ora, meu amigo, não tem de que. Leva tua caixa de ouro pra casa, Miguel. E vocês, dividam esta outra, cada um tira uma moeda de cada vez, até acabar.

TODOS

Viva Miguel Federóvitch! Viva Pai Ubu!

PAI UBU

E agora, meus amigos, vamos comer! Abro-lhes as portas do palácio, façam o favor de ocupar seus lugares à minha mesa!

POVO

Entra, pessoal, entra! Viva Pai Ubu! Viva o mais nobre dos soberanos!

(*Entram em palácio. Ouve-se o barulho da orgia que se prolonga até o dia seguinte. Cai o pano.*)

Terceiro Ato

Cena I

No Palácio.
Pai Ubu, Mãe Ubu.

PAI UBU

Pelo meus chifres, assim como me vês, sou o rei dêste país! Já me permiti uma indigestão e estou esperando chegar minha grande capelina.

MÃE UBU

De que mandaste fazê-la? Não é por sermos reis, que vamos agora esbanjar dinheiro.

PAI UBU

Minha cara senhora, mandei fazer a capelina em

PAI UBU

Ei! o primeiro está perdendo terreno.

MÃE UBU

Não, êle reage agora.

BORDADURA

Ih, vai perder, vai perder! Pronto, venceu o outro! (*O que estava em segundo lugar vence a corrida.*)

TODOS

Viva Miguel Federóvitch! Viva Miguel Federóvitch!

MIGUEL

Senhor, não sei como agradecer a Vossa Majestade...

PAI UBU

Ora, meu amigo, não tem de que. Leva tua caixa de ouro pra casa, Miguel. E vocês, dividam esta outra, cada um tira uma moeda de cada vez, até acabar.

TODOS

Viva Miguel Federóvitch! Viva Pai Ubu!

PAI UBU

E agora, meus amigos, vamos comer! Abro-lhes as portas do palácio, façam o favor de ocupar seus lugares à minha mesa!

POVO

Entra, pessoal, entra! Viva Pai Ubu! Viva o mais nobre dos soberanos!

(*Entram em palácio. Ouve-se o barulho da orgia que se prolonga até o dia seguinte. Cai o pano.*)

couro de carneiro com presilha e bridas em couro de cão.

MÃE UBU

Deve ficar bonito, mas nada é mais bonito do que a gente ser rei!

PAI UBU

Tinhas tôda razão. Mãe Ubu.

MÃE UBU

Temos uma dívida de gratidão para com o Duque de Lituânia.

PAI UBU

Com quem?

MÃE UBU

Ué, com o capitão Bordadura.

PAI UBU

Por favor, Mãe Ubu, não me fales dêsse idiota. Já não preciso dêle pra nada, vai ficar chupando o dedo, não lhe darei ducado algum.

MÃE UBU

Cometes um êrro, Pai Ubu. Êle se voltará contra ti.

PAI UBU

E eu vou chorar por isso! Êsse pobre diabo me preocupa tanto quanto Bugrelau.

MÃE UBU

E pensas que já liquidaste Bugrelau?

PAI UBU

Claro que sim, espada-de-finanças! Que poderá fazer contra mim um bostinha de quatorze anos?

MÃE UBU

Ouve o que te digo. Trata de atrair Bugrelau para o teu lado.

PAI UBU

Dar mais dinheiro ainda? Essa não. Bastam os vinte e dois milhões que me fizeste esperdiçar.

MÃE UBU

Bem, faz o que te der na veneta, mas êle acabará te jantando, Pai Ubu.

PAI UBU

Ótimo, estarás comigo na mesma panela.

MÃE UBU

Escuta uma vez mais: estou convencida de que Bugrelau vai terminar ganhando a parada, pois tem de seu lado o direito legítimo.

PAI UBU

Ah, vigarice! E o direito ilegítimo não vale o legítimo? Tu me insultas, Mãe Ubu, vou te fazer em pedaços. (*Mãe Ubu foge perseguida por Pai Ubu.*)

Cena II

Salão do palácio.
Pai Ubu, Mãe Ubu, oficiais e soldados, Girão, Cotica, nobres algemados, financistas, magistrados, tabeliões.

PAI UBU

Tragam o tambor-dos-nobres e o gancho-dos-nobres e o cutelo-dos-nobres e o livro-dos-nobres!* Em seguida, façam entrar os nobres.

MÃE UBU

Moderação, Pai Ubu, por favor.

* Uma das "violências" do universo verbal de Jarry é essa sarcástica atribuição de especialidade a cada instrumento. Assim, se o tambor que anuncia os nobres é o tambor-dos-nobres, o gancho que Pai Ubu usará para arrastá-los até o alçapão é o gancho-dos-nobres e o cutelo que os decapitará é o cutelo-dos-nobres. Adiante teremos a espada-de-cortar-merdra, a tesoura-de-cortar-orrelhas, a faca-de-cortar-cara, etc.

PAI UBU

Tenho a honra de vos anunciar que, para enriquecer o reino, vou mandar liquidar todos os nobres e confiscar-lhes os bens.

NOBRES

Horror! Povo, soldados, sublevemo-nos!

PAI UBU

Tragam o primeiro nobre e me passem aqui o gancho-dos-nobres. Os que forem condenados à morte serão jogados no alçapão, cairão no subsolo do Chucha-Porco e do Tribunal dos Vinténs, onde se lhes rebentarão os miolos. (*Ao nobre.*) Quem és tu, idiotra?

NOBRE

Conde de Vitepsk.

PAI UBU

A quanto montam tuas rendas?

NOBRE

Três milhões de rixdales.

PAI UBU

Condenado!

(*Prende-o no gancho e puxa-o para o alçapão.*)

MÃE UBU

Que ferocidade bestial!

PAI UBU

Segundo nobre, quem és tu? (*O nobre não responde.*) Não vais responder, idiotra?

NOBRE

Grão-Duque de Posen.

PAI UBU

Excelente! Excelente! Não percamos tempo. Alçapão com êle. Terceiro nobre, quem és? Tens uma cara desonesta.

NOBRE

Duque de Courlande, das cidades de Riga, Revel e Mitau.

PAI UBU

Muito bem! muito bem! Possuis mais alguma coisa?

NOBRE

Nada.

PAI UBU

Para o alçapão, então. Quarto nobre, quem és?

NOBRE

Príncipe de Podolia.

PAI UBU

Quais são tuas rendas?

NOBRE

Estou arruinado.

PAI UBU

Por causa dessa frase desagradável irás para o alçapão, vá! Quinto nobre, quem és tu?

NOBRE

Margrave de Thorn, paladino de Polock.

PAI UBU

É muito pouco. Não tens mais nada?

NOBRE

Isso me bastava.

PAI UBU

Claro, antes pouco do que nada. Alçapão! Estás querendo tirar uma casquinha, Mãe Ubu?

MÃE UBU

És cruel demais, Pai Ubu.

PAI UBU

Oba! Estou rico. Vou mandar ler a lista de *Meus* bens. Tabelião, a lista de *Meus* bens.

TABELIÃO

Condado de Sendomir.

PAI UBU

Comece pelos principados, seu estúpido!

TABELIÃO

Principado de Podolia, grão-ducado de Posen, ducado de Courlande, condado de Sendomir, condado de Vitepsk, palatinado de Polock, margraviato de Thorn.

PAI UBU

E que mais?

TABELIÃO

Acabou.

PAI UBU

Como acabou?! Bem, então, avancem os nobres, e como não vou mesmo parar de enriquecer, mandarei executar todos os nobres, e assim ficarei com seus bens. Vamos, joguem os nobres no alçapão. (*Os nobres são empilhados no alçapão.*)

PAI UBU

Depressa, que eu agora quero legislar.

VÁRIOS

Vamos ver isso.

PAI UBU

Vou primeiro reformar a Justiça, após o que cuidaremos das finanças.

VÁRIOS JUÍZES

Somos contra qualquer modificação.

PAI UBU

Merdra. Primeiro ponto: os juízes não receberão mais nenhum provento.

JUÍZES

E de que vamos viver? Somos pobres.

PAI UBU

Recebereis as multas que impuserdes e herdareis os bens dos condenados à morte.

UM JUIZ

Ignomínia!

SEGUNDO JUIZ

Infâmia!

TERCEIRO JUIZ

Escândalo!

QUARTO JUIZ

Indignidade!

TODOS

Recusamo-nos a julgar em semelhantes condições.

PAI UBU

Joguem os juízes no alçapão. (*Êles se debatem inùtilmente.*)

MÃE UBU

Que diabo estás fazendo, Pai Ubu? Quem vai agora ministrar a justiça?

PAI UBU

Ora, quem! Eu. E verás como tudo caminhará bem.

MÃE UBU

Sim, com isenção total!

PAI UBU

Vamos, cala-te, idiotra. Agora, senhores, trataremos das finanças.

FINANCISTAS

Não há o que mudar.

PAI UBU

Como não há, se eu quero mudar tudo? De saída, reservarei para mim a metade dos impostos.

FINANCISTAS

Ora, não se acanhe!

PAI UBU

Senhores, estabeleceremos um impôsto de dez por cento sôbre a propriedade, outro sôbre o comércio, um terceiro sôbre os casamentos e um quarto sôbre os óbitos, de quinze francos cada um.

PRIMEIRO FINANCISTA

Mas isso não faz sentido, Pai Ubu.

SEGUNDO FINANCISTA

É um absurdo.

TERCEIRO FINANCISTA

Não tem pé nem cabeça.

PAI UBU

Vocês estão querendo me gozar. Ao alçapão, todos os financistas! (*Agarram os financistas.*)

MÃE UBU

Afinal de contas, que espécie de rei és tu, Pai Ubu, que só sabes matar todo mundo!

PAI UBU

À merdra!

MÃE UBU

Quanto mais justiça, mais dinheiro.

PAI UBU

Não te preocupes, meu anjo, que eu mesmo irei recolher os impostos, de povoado em povoado.

Cena III

Casa de camponeses nas cercanias de Varsóvia. Vários camponeses reunidos.

UM CAMPONÊS

Ouçam o que aconteceu. O rei está morto, os duques também e o jovem Bugrelau fugiu com a mãe para as montanhas. Pai Ubu se apossou do trono.

OUTRO CAMPONÊS

Tenho mais notícias. Venho de Cracovia, onde vi transportarem os corpos de trezentos nobres e quinhentos juízes que foram executados. Parece que vão dobrar os impostos e que Pai Ubu virá recolhê-los pessoalmente.

TODOS

Deus do céu! que vai ser de nós? Pai Ubu é um crápula e dizem que sua mulher é realmente abominável.

UM CAMPONÊS

Escutem: parece que estão batendo.

UMA VOZ

(*De fora.*) Cornupapança!* Abram em nome de minha merdra, por São João, São Pedro e São Nicolau! Abram, pela espada das finanças, cômotutu, venho arrecadar os impostos! (*A porta é arrombada, Ubu entra seguido de uma legião de coletores de impostos.*)

* *Cornegidouille,* palavra cunhada por Jarry para expressar as três partes do poder de Ubu: cabeça, coração e ventre, sendo que, nêle, só o ventre não se encontra em estado embrionário. *Gidouille,* denominação do ventre monstruoso de Ubu: "o poder dos apetites inferiores".

Cena IV

PAI UBU

Qual é o mais velho de vocês? (*Um camponês se apresenta.*) Como te chamas?

CAMPONÊS

Stanislau Leczinski.

PAI UBU

Pois bem, cornupapança, presta atenção ao que vou dizer, senão êstes senhores aqui te cortarão as orrelhas. Mas, afinal de contas, vais ou não vais me escutar?

STANISLAU

Mas Vossa Excelência ainda não disse nada.

PAI UBU

Como não disse nada! falo há mais de uma hora. Ou pensas que vim aqui para pregar no deserto?

STANISLAU

Longe de mim tal pensamento.

PAI UBU

Pois muito que bem, estou aqui para te dizer, te ordenar e te intimar a declarar e pagar imediamente teu impôsto de renda, sob pena de sêres trucidado. Vamos, senhores porcalhinos das finanças, carrocem para cá a carroça-das-finanças. (*Trazem a carroça.*)

STANISLAU

Sire, nossa inscrição no registro nos obriga a pagar apenas cento e cinqüenta e dois rixdales, que já pagamos faz seis semanas em Saint Mathieu.

PAI UBU

É bem possível, mas mudei o regime e avisei pelo jornal que todos os impostos serão pagos duas vêzes, e três vêzes aquêles que assim determinarmos posteriormente. Com êsse sistema de arrecadação, ficarei rico ràpidamente, matarei em seguida todo mundo e irei embora.

CAMPONESES

Senhor Ubu, tenha piedade de nós. Somos gente pobre.

PAI UBU

E daí? Paguem.

CAMPONESES

Não temos com que pagar, Pai Ubu, já pagamos.

PAI UBU

Paguem! ou ponho vocês no papo, depois de torturá-los, com degolação do pescoço e da cabeça! Cornupapança, parece que o rei aqui sou eu!

TODOS

Ah, é assim? Às armas, pessoal! Viva Bugrelau, pela graça de Deus rei da Polônia e da Lituânia!

PAI UBU

Senhores das finanças, atacar, cumpri com o vosso dever! (*Lutam entre si, a casa é destruída e o velho Stanislau foge pelo campo. Ubu fica a recolher o dinheiro.*)

Cena V

Uma casamata das fortificações de Thorn. Bordadura prêso, Pai Ubu.

PAI UBU

Patriota, eis o que é um patriota: querias que eu te pagasse o que te prometera. Como não quis pagar, te revoltaste, conspiraste e terminaste engaiolado. Bem feito, cornufinança, e deves reconhecer que o golpe que te dei foi de mestre.

BORDADURA

Toma cuidado, Pai Ubu. És rei há cinco dias e já mataste mais gente do que seria necessário para condenar ao inferno todos os santos do paraíso. O sangue do rei e dos nobres clama por vingança e êsse clamor será ouvido.

PAI UBU

Meu bom rapaz, até que és um cara bem falante. Não tenho dúvida que se consegues escapar daqui me criarás muitas dificuldades. Mas não sei de ninguém que tenha burlado a vigilância das casamatas de Thorn. Por isso, boa-noite, e trata de dormir o melhor que possas pois os ratos fazem aqui uma sarabanda infernal a noite tôda.

(*Sai. Os guardas vêm trancar a porta.*)

Cena VI

Palácio de Moscou.
O Imperador Alexis e sua côrte; Bordadura.

CZAR ALEXIS

Aventureiro infame, participaste do massacre de nosso primo Venceslau?

BORDADURA

Perdoai-me, Senhor, Pai Ubu me arrastou a isso contra a minha vontade.

ALEXIS

És um sórdido mentiroso! Mas, afinal de contas, que desejas?

BORDADURA

Pai Ubu mandou-me prender acusando-me de

conspiração. Consegui fugir e, durante cinco dias e cinco noites, corri através das estepes para vir implorar vossa graça misericordiosa.

ALEXIS

Que trazes como garantia de tua lealdade?

BORDADURA

Minha espada de aventureiro e um mapa da cidade de Thorn.

ALEXIS

Aceito a espada mas, por São Jorge, queima êsse mapa. Não quero dever minha vitória a uma traição.

BORDADURA

Um filho de Venceslau, o jovem Bugrelau, continua vivo, e eu tudo farei para reconduzi-lo ao trono.

ALEXIS

Qual era teu pôsto no Exército polonês?

BORDADURA

Eu comandava o 5.º Regimento dos Dragões de

Wilna e uma companhia de voluntários a serviço de Pai Ubu.

ALEXIS

Muito bem, nomeio-te subtenente do 10.º Regimento de Cossacos, e ai de ti se me traíres. Se fores bravo, serás recompensado.

BORDADURA

Coragem não me falta, Senhor.

ALEXIS

Está bem, some de minha vista.

(Sai Bordadura.)

Cena VII

Sala do Conselho de Ubu.
Pai Ubu, Mãe Ubu,
Conselheiros de Finanças.

PAI UBU

Senhores, está aberta a sessão. Estejam atentos para o que vou dizer e mantenham-se tranqüilos. Primeiro, trataremos do capítulo das finanças e em seguida falaremos dum pequeno sistema que bolei para evitar as chuvas e preservar o bom tempo.

UM CONSELHEIRO

Muito bem, Sr. Ubu.

MÃE UBU

Que idiota!

PAI UBU

Senhora merdra minha, tome cuidado porque não tolerarei mais suas tolices. Dizia eu, senhores, que as finanças vão mais ou menos. Um considerável número de cães miseráveis se espalha tôda manhã pelas ruas e os porcalhinhos fazem maravilhas. Por todos os lados há casas incendiadas e gente dobrando-se ao pêso de nossos impostos.

CONSELHEIRO

E os novos impostos, Sr. Ubu, estão dando resultado?

MÃE UBU

Vão de mal a pior. O impôsto sôbre casamentos rendeu até agora apenas onze *sous*, e assim mesmo porque Pai Ubu persegue as pessoas por tôda parte para obrigá-las a se casarem.

PAI UBU

Espada das finanças, corna de minha pança, senhora financista, eu tenho orrelhas para falar e tu tens bôca para escutar. (*Risos.*) Aliás, não é isso! Tu me atrapalhas e me fazes parecer idiotra.

Mas, côrno de Ubu! (*Entra um mensageiro.*) Bem, vamos, que quer aquêle ali? Vai-te embora, porcalhão, ou te bato, te degolo e te torço as pernas.

MÃE UBU

Bem, já se foi, mas deixou uma carta.

PAI UBU

Lê. Até parece que estou perdendo o juízo ou que não sei ler. Vamos, idiotra, lê, deve ser de Bordadura.

MÃE UBU

É dêle mesmo. Diz que o czar o acolheu muito bem, que vai invadir teus domínios para restaurar o poder de Bugrelau e que serás executado.

PAI UBU

Não! Tenho mêdo! Tenho mêdo! Acho que vou morrer. Coitadinho de mim! Que vai me acontecer, meu Deus? Êsse homem malvado vai me matar. Santo Antônio e todos os santos, protegei-me, prometo dar esmolas e acender velas a todos vós. Senhor, o que me espera ainda? (*Chora e soluça.*)

MÃE UBU

Só há um caminho a seguir, Pai Ubu.

PAI UBU

Qual é, meu amor?

MÃE UBU

A guerra!

TODOS

Graças a Deus! Eis uma atitude digna!

PAI UBU

É, e quem vai levar novas estocadas sou eu.

PRIMEIRO CONSELHEIRO

Apressemo-nos, vamos organizar o exército.

SEGUNDO CONSELHEIRO

E estocar víveres.

TERCEIRO CONSELHEIRO

E preparar a artilharia e as fortalezas.

QUARTO CONSELHEIRO

E arranjar dinheiro para as tropas.

PAI UBU

Ah, isso é que não! Eu te mato! Não vou dar dinheiro algum. Tomem de outro! A guerra já está paga e ninguém vai guerrear às minhas custas. Pelos meus chifres, façam a guerra mas porque vocês estão com raiva. Nada de gastar dinheiro.

Viva a guerra!

Cena VIII

Campo de batalha, exército de Varsóvia.

SOLDADOS E PALHADINOS

Viva a Polônia! Viva Pai Ubu!

PAI UBU

Mãe Ubu, me dá aqui a couraça e meu bastão. Vou ficar tão pesado que não vai dar pra correr se êles me perseguirem.

MÃE UBU

Covardão!

PAI UBU

Onde estão a espada-de-cortar merdra e o gancho-das-finanças que eu não acho?! Nunca vou me aprontar, e os russos avançam e vão me matar.

UM SOLDADO

Senhor Ubu, a tesoura-de-cortar-orrelhas vai cair.

PAI UBU

Ti mato com o gancho-de-puxar-merdra e a faca-de-cortar-cara.

MÃE UBU

Como êle está bonito de capacete e couraça, parece uma abóbora blindada.

PAI UBU

Bem, agora vou montar no cavalo. Senhores, tragam-me o cavalo-de-finanças.

MÃE UBU

Pai Ubu, êsse cavalo não tem fôrças para te agüentar, faz cinco dias que êle não come nada, está quase morto.

PAI UBU

Que ótima babá ela é! Então gasto doze *sous* por dia com êsse animal e êle não tem fôrças para me carregar? Será que te enganaram, corna d'Ubu, ou estás me roubando? (*Mãe Ubu enrubesce e baixa os olhos.*) Me tragam, então, outro cavalo. A pé é que não vou, cornupapança!

(*Trazem-lhe um enorme cavalo.*)

PAI UBU

Vou montar nêle. Oh! Aliás, acho que vou cair. (*O cavalo anda.*) Pára, pára êsse bicho, meu Deus, vou cair, vou morrer!!!

MÃE UBU

É um imbecil, sem dúvida alguma. Ah, conseguiu montar. Mas já caiu no chão.

PAI UBU

Cornofísico, estou meio morto! Mas não faz diferença, vou pra guerra e matarei todo mundo. Ai de quem não marchar direito! Será rebentado de pancada com torção do nariz e dos dentes e extração da língua.

MÃE UBU

Boa sorte, Sr. Ubu.

E C A BIBLIOTECA

PAI UBU

Esqueci de te dizer que te confio o govêrno. Mas levo comigo o livro de Finanças. Se me roubares pagarás caro. O Palhadino Girão fica aqui para te ajudar. Adeus, Mãe Ubu.

MÃE UBU

Adeus, Pai Ubu. Não deixa de matar o Czar.

PAI UBU

Não te preocupes. Torção do nariz e dos dentes, extração da língua, e introdução do bastão orrelhas a dentro.

(*O exército se afasta ao som das fanfarras.*)

MÃE UBU

(*Sòzinha.*) Agora que êsse bonecão de engonço foi embora, tratemos de nossos interêsses: matar Bugrelau e nos apossar do tesouro.

Quarto Ato

Cena I

Cripta dos antigos reis da Polônia na catedral de Varsóvia.

MÃE UBU

Mas onde está o tesouro? Pelo som, nenhuma dessas lousas parece ôca. No entanto, contei treze pedras a partir do túmulo de Ladislau, o Grande, ao longo da parede, e nada. Devo ter me enganado. Não, aqui parece ôco. Mãos à obra, Mãe Ubu. Coragem, vamos arrancar esta pedra. Está muito prêsa. A ponta do gancho-de-finanças cumprirá sua finalidade. Achei! Aqui está o ouro misturado aos ossos dos reis. Vamos, tudo dentro do saco! . . . Que barulho é êsse? Quem poderia estar aqui, sob estas velhas cúpulas? Não, não é ninguém, apressemo-nos. Levemos tudo. Esta riqueza tôda é mais útil

à luz do dia do que enterrada no túmulo de velhos príncipes. Recoloquemos a pedra. Ei, o barulho de nôvo. Êsses lugares sempre me causaram pavor. Depois venho buscar o resto do ouro, volto amanhã.

UMA VOZ

(*Saindo do túmulo de João Sigismundo.*) Jamais, Mãe Ubu!

(*Mãe Ubu foge apavorada, pela porta secreta, levando o ouro roubado.*)

Cena II

Praça de Varsóvia.
Bugrelau e seus guerrilheiros.
Povo e Soldados.

BUGRELAU

Para frente, amigos! Viva Venceslau e a Polônia! O patife do Pai Ubu partiu. Só ficou a bruxa da Mãe Ubu com o seu Palhadino. Estou disposto a marchar à frente de vocês e a restaurar no trono a estirpe de meus pais.

TODOS

Viva Bugrelau!

BUGRELAU

Derrubaremos todos os impostos decretados pelo abominável Pai Ubu.

TODOS

Bravos! Avante! Ataquemos o palácio e acabemos com essa canalha!

BUGRELAU

Pessoal, Mãe Ubu está saindo com seus guardas pela escadaria.

MÃE UBU

Que querem comigo? Oh, é Bugrelau.

(*A multidão joga pedras.*)

PRIMEIRO GUARDA

Todos os carros estão quebrados.

SEGUNDO GUARDA

Vão acabar comigo, meu São Jorge.

TERCEIRO GUARDA

Cornão-bleu vou morrer *.

* *Cornebleu*, palavra cunhada por Jarry partindo da expressão *ventrebleu* (*ventredieu*, ventre de deus). *Corne, corne physique*, alusão ao "bastão de Física" do prof. Hébert; alude ainda a Cordon Bleu e a côrno, traído.

BUGRELAU

Pedra nêles, pessoal.

GIRÃO

Ah, é assim!? (*Desembainha a espada e avança provocando verdadeira carnificina.*)

BUGRELAU

Deixem por minha conta. (*A Girão.*) Defende-te, covarde!

(*Lutam os dois.*)

GIRÃO

Vou morrer!

BUGRELAU

Vencemos, companheiros! Abaixo Mãe Ubu! Avante!

(*Ouvem-se clarins.*)

BUGRELAU

Estão chegando os nobres. Vamos, pessoal, agarremos essa maldita harpia!

TODOS

A vez daquele velho bandido também chegará!

(*Mãe Ubu escapa perseguida por todos os poloneses. Tiros de fuzil e chuva de pedras.*)

Cena III

O exército polonês em marcha na Ucrânia.

PAI UBU

Cornão-bleu, vôte, cabeça de vaca! A sêde e o cansaço vão nos matar. Senhor soldado, tenha a gentileza de segurar nosso capacete-de-finanças e, tu aí, senhor lanceiro, cuida da tesoura-de-cortar-orrelhas e do bastão-de-física, pra me dar um pouco de folga. Repito que estamos muito cansados. (*Os soldados obedecem.*)

PILA

Ei, Senhore! É supriendente que os russos não apareçam.

PAI UBU

Lamentável é que a situação financeira não nos permita possuir uma viatura digna de nós; com mêdo de demolir nossa montaria, fizemos todo o caminho a pé, puxando o cavalo pela brida. Mas quando voltarmos à Polônia, inventaremos, graças aos nossos conhecimentos de física e às luzes de nossos conselheiros, uma viatura movida a vento para transportar todo o Exército.

COTICA

Nicolau Rensky acaba de chegar e parece aflito.

PAI UBU

Que é que tem êsse rapaz?

RENSKY

Está tudo perdido, Senhor, os poloneses se revoltaram. Mataram Girão, e Mãe Ubu fugiu para as montanhas.

PAI UBU

Ave agoureira, coruja de polainas, donde tiras tantas asneiras? E mais essa agora! Quem fêz tudo isso? Aposto que foi Bugrelau. Donde estás vindo?

RENSKY

De Varsóvia, senhor.

PAI UBU

Rapazola de merdra, se acredito no que dizes terei de ordenar o retôrno de todo o Exército. Mas, senhor rapazola, como vejo que tens acima dos ombros mais plumas que miolos, creio que imaginaste bobagens. Vai para a linha de frente, os russos estão perto e teremos de usar contra êles tôdas as nossas armas, tanto as de merdra, como as de finanças e as de física.

GENERAL LASCY

Pai Ubu, não estais vendo os russos na planície?

PAI UBU

É verdade, os russos! Estou metido em boa. Se ao menos houvesse um jeito de me arrancar, mas não dá pé: estamos numa colina e ficaríamos expostos ao fogo inimigo.

EXÉRCITO

Os russos! O inimigo!

PAI UBU

Vamos, senhores, preparemo-nos para a batalha. Ficaremos nesta colina e não cometeremos a besteira de descer daqui. Vou ficar no centro como uma cidadela viva e vocês à minha volta. Recomendo-lhes carregar os fuzis com o máximo de balas, pois oito balas podem matar oito russos e serão menos oito a me atacar. Mandaremos a infantaria lá para baixo a fim de que recebam os russos e matem alguns dêles; a cavalaria irá logo atrás para entrar na confusão e a artilharia ficará em tôrno do moinho aqui presente para atirar em cima do bôlo. Quanto a nós, ficaremos dentro do moinho e atiraremos com a pistola-de-finanças pela janela, colocaremos de través na porta o bastão-de-fisica, e se alguém tenta entrar, gancho-de-merdra nêle!!!

OFICIAIS

Sr. Ubu, Vossas ordens serão executadas.

PAI UBU

Ótimo. Tudo corre bem, venceremos. Que horas são?

GENERAL LASCY

Onze horas da manhã.

PAI UBU

Vamos, então, almoçar porque os russos não atacarão antes do meio-dia. General, diga aos soldados que façam suas necessidades e entoem a Canção das Finanças.

SOLDADO E PALHADINOS

Viva Pai Ubu, nosso grande Financista! Ting, ting, ting; ting, ting, ting; ting, ting, ting, tating!

PAI UBU

Ah, gente boa, adoro vocês todos. (*Um petardo russo atinge e quebra a pá do moinho.*) Estou com mêdo, senhor Deus, estou morrendo! Ah, não estou, não é nada.

Cena IV

Os mesmos, um capitão.
Depois o exército russo.

CAPITÃO

(*Chegando.*) Senhor Ubu, os russos atacam.

PAI UBU

E daí, que é que você quer que eu faça? Não fui eu quem os mandou atacar. Mas, senhores das Finanças, preparemo-nos para o combate.

GENERAL LASCY

Outro projétil.

PAI UBU

Não fico mais aqui. Chove chumbo e ferro em cima da gente e podemos até prejudicar nossa preciosa pessoa. Desçamos. (*Descem todos correndo. A batalha começou. Êles desaparecem em meio à fumaça ao pé da colina.*)

UM RUSSO

(*Atacando.*) Por Deus e pelo Czar!

RENSKY

Ai, eu morro!

PAI UBU

Avante, camaradas! Ah, tu me machucaste, vou acabar contigo, seu bêbado, contigo e com essa tua espingarda que não atira.

UM RUSSO

Experimenta isso! (*Dá-lhe um tiro de revólver.*)

PAI UBU

Ai, ui! Estou baleado, estou furado, perfurado, encomendado, enterrado. Oh, mas ainda assim! Vou pegá-lo. Toma! Me provoca de nôvo!

GENERAL LASCY

Avancemos, todo vigor, pessoal, atravessemos o fôsso. A vitória é nossa!

PAI UBU

Acha mesmo, general? Até o momento, sinto na fronte mais "galos" que lauréis.

CAVALEIROS RUSSOS

Afastem-se! Abram passagem para o Czar!

(*Chega o Czar acompanhado de Bordadura, disfarçado.*)

UM POLONÊS

Nossa mãe! Chegou o Czar, salve-se quem puder!

OUTRO POLONÊS

Deus do céu! Êle transpôs o fôsso.

TERCEIRO POLONÊS

Pif! Paf! O velhaco do tenente já desancou quatro.

BORDADURA

Ah, ainda não acabaram com vocês?! Pois toma o

que mereces, Jean Sobiesky. (*Bordadura o abate.*) Agora, os outros! (*Mata uma porção de poloneses.*)

PAI UBU

Avante, camaradas. Peguem êsse biltre! Compota de moscovitas! A vitória é nossa. Viva a águia vermelha!

TODOS

Avançar! Hurra! Caspité! Peguemos o safadão!

BORDADURA

Meu São Jorge, caí no chão.

PAI UBU

(*Reconhecendo-o.*) Ah, és tu, Bordadura! Estamos todos felizes de te rever, meu caro amigo. Vou te cozinhar em fogo lento. Senhores das Finanças, acendam o fogo! Oh! Ai! Ui! Estou morto. Devo ter recebido pelo menos um tiro de canhão. Oh, meu Deus, perdoai meus pecados. É, foi mesmo um tiro de canhão.

BORDADURA

Foi um tiro de pistola com pólvora sêca.

PAI UBU

Ah, e ainda me gozando! Estás no papo! (*Joga-se sôbre êle e o dilacera.*)

GENERAL LASCY

Pai Ubu, estamos avançando em tôda a linha.

PAI UBU

Estou vendo, não agüento mais, crivaram-me de pontapés. Gostaria de me sentar um pouco, mesmo no chão. E meu cantil?

GENERAL LASCY

Toma o do Czar, Pai Ubu.

PAI UBU

É pra já. Vamos! Sabre-de-cortar-merdra, cumpre tua função, e tu, gancho-de-finanças, não fiques atrás. Que o bastão-de-física trabalhe com generosa emulação e divida com o bastãozinho a honra de massacrar, varar e rebentar o Imperador moscovita. Avante, senhor nosso cavalo-de-finanças! (*Atira-se sôbre o Czar.*)

UM OFICIAL RUSSO

Cuidado, Majestade!

PAI UBU

Toma! Oh! Ah! Deu em nada. Ui, perdão, senhor, deixe-me em paz. Ai, mas não fiz por querer! (*Escapa, o Czar o persegue.*)

PAI UBU

Santa Virgem, êsse danado me persegue! Que fiz eu, meu Deus! Felizmente, êle ainda tem de transpor de volta o fôsso. Ih, sinto-o atrás de mim e à minha frente o buraco. Coragem, fechemos os olhos!

CZAR

Nossa! Caí no fôsso!

POLONÊS

Ôba! O Czar caiu lá embaixo!

PAI UBU

Nem ouso olhar pra trás! Êle está lá dentro. Ótimo, pau nêle! Vamos polonês, com tôda fôrça, êle tem costas largas, o miserável! Nem quero ver. E enquanto isso nossa predição se realizou plenamente: o bastão-de-física fêz maravilhas e não resta dúvida alguma de que eu estaria morto a esta hora se um inexplicável terror não tivesse com-

batido e anulado em nós os efeitos de nossa bravura. Mas tivemos que, sùbitamente, virar casaca, e devemos nossa salvação à nossa habilidez de cavaleiro assim como à solidez das pernas de nosso cavalo-de-finanças, cuja rapidez só se iguala àquela solidez e à sua já famosa ligerez assim como à profundez do fôsso que se abriu muito cortês sob os passos do inimigo soez do aqui presente Mestre das Finanças, como o veis. É, tudo isso é muito bonito mas ninguém me escuta. Vamos, a guerra continua!

(*Os dragões russos dão uma carga e salvam o Czar.*)

GENERAL LASCY

Desta vez é a debandada.

PAI UBU

Chegou a hora de baixar o cacête. Portanto, senhores poloneses, avançar, ou melhor, botar o galho dentro.

POLONESES

Salve-se quem puder!

PAI UBU

Vamos, em marcha! Que cambada, que fuga, que

multidão, como vou sair dêste lodaçal? (*É empurrado.*) Ah, mas és tu! Presta atenção se não queres experimentar o ardente valor do Mestre das Finanças. Bem, foi-se embora, vamos nos arrancar daqui enquanto Lascy não está vendo. (*Sai. Em seguida, vê-se passar o Czar com o exército russo perseguindo os poloneses.*)

Cena V

Uma caverna na Lituânia. Neva.
Pai Ubu, Pila, Cotica.

PAI UBU

Que tempo maldito, faz um frio de rachar e a pessoa do Mestre das Finanças está bastante estropiada.

PILA

Como é, Senhoire Ubu, já se recuperou do mêdo e da fuga?

PAI UBU

Claro! Do mêdo já, mas a fuga continua.

COTICA

(*À parte.*) Porco!

PAI UBU

Ei, Sr. Cotica, como vai sua orrelha?

COTICA

Vai tão bem como pode, indo mal como vai. Em conseqüência de que o chumbo faz ela pender para o chão e não posso extrair a bala.

PAI UBU

Bem feito. Não estavas a fim de bater nos outros? Dei prova total de bravura, e sem me expor matei quatro inimigos com minha própria mão, sem contar todos aquêles que já estavam mortos e que acabamos de matar.

COTICA

Pila, sabes que fim levou o pequeno Rensky?

PILA

Recebeu uma bala na cabeça.

PAI UBU

Assim como a papoula e o taraxaco, que à flor da idade são ceifados pelo ferro e pelo êrro de arrado, nosso pequeno Rensky foi ceifado pela guerra e

assim foi-se, emborra tenha lutado bravamente. Mas havia russos demais!

PILA E COTICA

Uh! Senhoire!

UM ECO

Rhomrrr!

PILA

Que será isso? Nossos binóculos!

PAI UBU

Essa não! Aposto que são os russos outra vez! Já é demais! e depois a coisa é simples, se êles me pegam, estarão no papo.

Cena VI

Os mesmos. Entra um urso.

COTICA

Ai, senhoire das Finanças!

PAI UBU

Ora veja, o totòzinho. Que gracinha!

PILA

Cuidado! Nossa, que urso enorme! Cadê minha cartucheira?

PAI UBU

Um urso! Ui! que fera! Pobre de mim, vou ser co-

mido. Deus que me proteja. Êle vem me pegar. Não, vai pegar Cotica. Ainda bem! (*O urso agarra Cotica. Pila ataca-o a golpes de punhal. Ubu! se refugia em cima de uma pedra.*)

COTICA

Me ajuda, Pila! me ajuda! Socorro, Senhoire Ubu!

PAI UBU

Aqui oh! Te safa, meu caro, agora estou rezando o Padre Nosso. Cada um tem sua vez de ser comido.

PILA

Peguei, está seguro!

COTICA

Agüenta, Pila, êle começa a me soltar.

PAI UBU

Santificatur nomen tuum

COTICA

Velhaco covarde!

PILA

Ai, êle está me mordendo! Meu Deus, salvai-me, vou morrer.

PAI UBU

Fiat voluntas tua!

COTICA

Consegui feri-lo.

PILA

Bravos! Êle está sangrando. (*Em meio aos gritos dos Palhadinos, o urso berra de dor e Ubu continua a resmungar.*)

COTICA

Agarra firme, enquanto pego meu sôco explosivo.

PAI UBU

Panem nostrum quotidianum da nobis hodie.

PILA

Conseguiste? Não posso segurá-lo mais.

PAI UBU

Sicut et nos dimittimus debitoribus nostris.

COTICA

Consegui! (*Uma explosão e o urso cai morto.*)

PILA E COTICA

Vitória!

PAI UBU

Sed libera nos a malo. Amen. Enfim, morreu mesmo? Já posso descer daqui?

PILA

(*Com desprêzo.*) Quando quiser.

PAI UBU

(*Descendo.*) Podem se orgulhar de que, se ainda estão vivos e ainda pisam a neve da Lituânia, devem isso à virtude magnânima do Mestre das Finanças, que se esforçou, largou a pele, se matou a recitar padres-nossos por vossa salvação, e com tanta coragem empunhou a espada espiritual da prece quanto vocês manejaram o temporal sôco ex-

plosivo do aqui presente Palhadino Cotica. Tão longe levamos nosso devotamento, que não hesitamos em subir numa pedra bem alta para que mais depressa nossas preces chegassem ao céu.

PILA

Asno asqueroso!

PAI UBU

Aqui está um enorme animal. Graças a mim vocês terão o que comer. Que barriga tem o bicho, gente! Os gregos aí teriam ficado bem mais à vontade do que no ventre do cavalo de Tróia, e por pouco, caros amigos, íamos ter a oportunidade de verificar pessoalmente a capacidade interior dessa pança.

PILA

Morro de fome. Que vamos comer?

COTICA

O urso!

PAI UBU

Mas, seus bobocas, como é que vão comê-lo cru? Não temos com que acender uma fogueira.

PILA

E as espolêtas?

PAI UBU

Isso mesmo! Parece que há aqui por perto um pequeno bosque onde podemos achar alguns galhos secos. Vá buscá-los, Sr. Cotica. (*Cotica se afasta pela neve.*)

PILA

E, enquanto isso, Sr. Ubu, vá esfolando o bicho.

PAI UBU

Eu não! Pode ser que êle ainda não esteja morto. É melhor te encarregares disso, uma vez que já estás meio comido e mordido por êle. Eu fico acendendo a fogueira enquanto Cotica vai buscar a lenha. (*Pila começa a esfolar o urso.*)

PAI UBU

Ôi, cuidado! êle se mexeu.

PILA

Mas, Sr. Ubu, êle já está gelado.

PAI UBU

Isso é ruim, seria melhor comê-lo quente. O Mestre das Finanças vai ter uma indigestão.

PILA

(*À parte.*) É revoltante. (*Alto.*) Me ajude um pouco, Sr. Ubu, não posso fazer tudo sòzinho.

PAI UBU

Não, não quero fazer nada! Estou muito cansado!

COTICA

(*Voltando.*) Que frio, amigos, parece até Castilha ou o Pólo Norte. Começa a anoitecer. Numa hora estará escuro. Vamos nos apressar enquanto ainda há claridade.

PAI UBU

Correto. Ouviste, Pila, apressa-te. Andem vocês dois! Metam o bicho no espêto e tratem de assá-lo, que eu estou com fome!

PILA

Ah, isso já é demais! Vem trabalhar, guloso, do contrário não vais comer coisa alguma!

PAI UBU

Pra mim dá na mesma. Como cru. Pior pra vocês. Além do mais estou com muito sono!

COTICA

Que achas, Pila? Comemos tudo sòzinhos. Não damos nada a êle, tá? Ou lhe damos os ossos.

PILA

Certo. O fogo está acendendo.

PAI UBU

Que bom, já começa a esquentar. Mas vejo russos por tôda parte. Como corremos, meu Deus! Ah... (*Adormece.*)

COTICA

Gostaria de saber se é verdade o que disse Rensky, se Mãe Ubu foi deposta realmente. Não me parece difícil.

PILA

Vamos terminar de fazer a comida.

COTICA

Não, temos de falar de coisas importantes. Seria

bom que nos inteirássemos da veracidade dessas notícias.

PILA

Tens razão. Devemos abandonar Pai Ubu ou ficar com êle aqui?

COTICA

A noite é boa conselheira. Durmamos. Amanhã a gente vê o que se deve fazer.

PILA

Acho melhor aproveitar a noite pra nos mandarmos.

COTICA

Vamos, então.

(*Partem.*)

Cena VII

PAI UBU

(*Fala dormindo.*) Ah, Senhor Dragão russo, presta atenção, não venha pra cá, tem gente. Ah! lá está Bordadura, êle é malvado, parece um urso. Bugrelau avança contra mim! O urso, o urso! Ai! Olha êle lá! Êle é duro de roer, meu Deus! Não quero fazer nada, nada! Vai embora, Bugrelau! Estás ouvindo, palhaço? Agora é Rensky e o Czar! Oh! êles vão me bater. E Donabu? Onde achaste tanto ouro? Ficaste com meu ouro, miserável, fôste remexer no meu túmulo na catedral de Varsóvia, perto da Lua. Já morri faz muito tempo, foi Bugrelau quem me matou e fui enterrado em Varsóvia perto de Vladislau, o Grande, também em Cracovia perto de João Sigismundo, e também em Thorn na casamata com Bordadura! Ei-lo de nôvo. Vai-te embora, urso maldito! Tu te pareces com Bordadura. Escutou, demônio? Não, êle não escuta. Os porcalhinos* cortaram-lhe as orrelhas. Rebentais o cérebro, matrai**, cortai as orrelhas, arrancai a finança e bebei até morrer, é a vida dos porcalhinos, é a alegria do Mestre de Finanças.

(*Cala-se e dorme.*)

* Salopin (*salop*, sujo), alusão a *palotin*, que traduzimos por *palhadino*.

** *Tuder*: palavra cunhada possìvelmente com a montagem da expressão *tudieu* — exclamação de comédia antiga — e *teur*, matar.

Quinto Ato

Cena I

Noite. Pai Ubu dorme. Entra Mãe Ubu.
A escuridão é total.

MÃE UBU

Até que enfim um refúgio. Aqui estarei sòzinha, o que não é mau, mas que corrida desenfreada: atravessar tôda a Polônia em quatro dias! Tôdas as desgraças caíram sôbre mim de uma só vez. Assim que aquela bêsta partiu, fui à cripta apanhar o tesouro. Logo depois, Bugrelau e seu grupo enfurecido quase me matam a pedradas. Perco meu cavaleiro, o Palhadino Girão, que era tão fascinado por meus encantos que desmaiava só de me ver e, segundo alguns, mesmo sem me ver, o que é o cúmulo da ternura. Por minha causa, seria capaz de se deixar cortar ao meio, o pobre rapaz. A pro-

va disso é que foi cortado em quatro por Bugrelau. Pif paf pan! Puxa, pensei que ia morrer! Em seguida, fugi perseguida pela multidão enfurecida. Deixo o palácio, chego ao Vístula, tôdas as pontes vigiadas. Atravesso o rio a nado, na esperança de fazer meus perseguidores desistirem. Dissimulada entre poloneses dispostos a acabar comigo, estive mil vêzes a um passo da morte. Mas terminei escapando-lhes à fúria, e depois de quatro dias de caminhadas pela neve do que fôra meu reino, consigo me esconder aqui. Não bebi nem comi nada durante todos êsses dias. Bugrelau, no meu rasto, o tempo todo... Enfim, estou salva. Ai, estou quase morta de frio e de cansaço. Mas gostaria de saber que fim levou meu gordo polichinelo, isto é, meu respeitável espôso. Tomei muito dinheiro dêle. Roubei-lhe rixdales. Enganei-o com mentiras. E seu cavalo de finanças morreu de fome: não via comida com muita freqüência. A história de sempre! Mas coitada de mim que perdi meu tesouro. Ficou em Varsóvia, e quem se arriscaria a ir buscá-lo?

PAI UBU

(*Começando a acordar.*) Agarrem a Mãe Ubu, cortem-lhe as orrelhas!

MÃE UBU

Deus do céu! Onde estou? Enlouqueço. Ah, não, Senhor!

Graças a Deus entrevejo
Senhor Pai Ubu que dorme perto de mim.

PAI UBU

Muito mal! Êsse danado dêsse urso não é mole! Combate dos vorácios com os curiácios, mas os vorácios comeram e devoraram os curiácios, como verás ao amanhecer. Entendestes, nobres palhadinos?

MÃE UBU

Quem é que êle está gozando assim? Ficou mais idiota do que era antes de partir. Que será que êle tem?

PAI UBU

Cotica, Pila, respondam, sacos de merdra! Onde estão vocês? Ai, tenho mêdo. Mas ouvi alguém falar aí. Que foi? O urso não pode ser. Merdra! Meus fósforos, onde estão? Ah, perdi-os na guerra.

MÃE UBU

(*À parte.*) Aproveitemos a situação e a noite, simulemos uma aparição sobrenatural e façamos com que êle nos perdoe os furtos.

PAI UBU

Meu Santo Antônio, quem fala aí? Cruz credo! Vão me enforcar!

MÃE UBU

(*Engrossando a voz.*) Sim, Sr. Ubu, alguém realmente está falando aqui, e a trombeta do arcanjo que ergue os mortos da cinza e do pó final não falaria de outra maneira! Escutai esta voz grave. É a voz de São Gabriel que só dá bons conselhos.

PAI UBU

Só faltava essa!

MÃE UBU

Não me interrompei, Pai Ubu, ou eu me calo e será pior para você!

PAI UBU

Ai, minha pança! Não digo mais uma palavra. Continue, senhora aparição!

MÃE UBU

Dizíamos, Sr. Ubu, que éreis um pateta tamanho família!

PAI UBU

Muito família, não resta dúvida.

MÃE UBU

Calai-vos, por Deus!

PAI UBU

Uai, nunca vi anjo se exaltar.

MÃE UBU

Merdra! (*Continuando.*) Sois casado, Sr. Ubu?

PAI UBU

Exato, com a última das megeras.

MÃE UBU

Quereis dizer com uma mulher encantadora.

PAI UBU

Um monstro. Tem esporões por todo o corpo, não há por onde pegá-la.

MÃE UBU

Pela doçura, Sr. Ubu. Se fôrdes carinhoso, vereis que, na pior das hipóteses, ela é igual à Vênus de Cápua.

PAI UBU

Caspa? Quem tem caspa?

MÃE UBU

Não me escutastes bem, Sr. Ubu. Prestai melhor atenção. (*À parte.*) Tenho de me apressar pois já amanhece. (*Alto.*) Sr. Ubu, vossa mulher é adorável e deliciosa, ela não tem um só defeito.

PAI UBU

Estais enganada, não há um só defeito que ela não tenha.

MÃE UBU

Silêncio! Vossa mulher é fiel!

PAI UBU

Seria difícil aquela gralha me trair. Não ia achar com quem.

MÃE UBU

Ela não bebe!

PAI UBU

Sim, depois que lhe tomei a chave da adega. Antigamente, às sete da manhã já estava bêbeda, recendendo a cachaça. Agora que se perfuma com heliotropo, não cheira mal. Pra mim tanto faz. Quem se embebeda agora sou eu.

MÃE UBU

Homem tolo! Vossa mulher não toca em vosso ouro.

PAI UBU

Não me diga! Isso é piada!

MÃE UBU

Ela não desvia um único centavo!

PAI UBU

Que sirva de testemunha meu nobre e desgraçado cavalo-de-finanças que, tendo passado três meses sem comer, teve de fazer tôda a campanha puxado pelas rédeas através da Ucrânia. Também fizeram tudo para acabar com êle, pobre animal!

MÃE UBU

Tudo isso é mentira. Possuis um modêlo de mulher e fazeis dela um monstro!

PAI UBU

Tudo isso é verdade. Minha mulher é uma libertina e falas como se ela fôsse atraente feito uma lingüiça!

MÃE UBU

Cuidado, Pai Ubu.

PAI UBU

Ah, sim, esqueci com quem estou falando. Não, não quis dizer isso!

MÃE UBU

Mataste Venceslau.

PAI UBU

A culpa não foi minha, podeis crer. Foi idéia de Mãe Ubu.

MÃE UBU

Mataste Bulelau e Ladislau.

PAI UBU

Azar dêles! Queriam me bater.

MÃE UBU

Não cumpriste a promessa feita a Bordadura e mais tarde ainda o assassinaste.

PAI UBU

Prefiro que seja eu e não êle o rei da Lituânia. Atualmente, não é nenhum de nós dois. Isso prova que não fui eu quem o matou.

MÃE UBU

Só há um meio de conseguirdes perdão para vossas faltas.

PAI UBU

Qual é? Estou disposto a me tornar um santo homem, quero ser padre e ver meu nome como santo do dia na folhinha.

MÃE UBU

Terás de perdoar os pequenos furtos de Mãe Ubu.

PAI UBU

Essa não! Perdôo depois que ela me devolver tudo o que roubou, depois de ser açoitada e depois que ressuscitar meu cavalo-de-finanças.

MÃE UBU

Essa do cavalo ficou-lhe na garganta. Já amanhece, estou perdida!

PAI UBU

No final de tudo, estou muito satisfeito por ter agora a certeza de que minha querida espôsa me roubava dinheiro. Agora eu o sei de fonte limpa. Omnis a Deo scientia. O que quer dizer: Omnis, tôda; a Deo scientia, ciência vem de Deus. Tôda ciência vem de Deus. Eis a explicação do fenômeno. Mas Dona Aparição parou de falar. Que é que eu posso fazer para ela se animar de nôvo? Até que falava coisas engraçadas. Ih, já está amanhecendo... Nossa Mãe, por meu cavalo-de-finanças, era Mãe Ubu!

MÃE UBU

(*Descaradamente.*) Não é verdade, vou te excomungar.

PAI UBU

Ah, carniça!

MÃE UBU

Que sacrilégio!

PAI UBU

Essa não! Sei muito bem que era você, sua rabugenta! Que diabo fazes aqui?

MÃE UBU

Matáram Girão e os poloneses me expulsaram.

PAI UBU

Quanto a mim, foram os russos que me expulsaram: duas boas almas se encontram.

MÃE UBU

Neste caso, eu diria que uma boa alma encontra um asno!

PAI UBU

É assim? Pois a boa alma vai encontrar agora um palmípede. (*Joga o urso em cima dela.*)

MÃE UBU

(*Caindo sob o pêso do urso.*) Que horror, meu Deus! Vou morrer! Estou sufocada! Êle me morde, me engole, me digere!

PAI UBU

O bicho está morto, escandalosa. Ui, mas quem sabe? pode ser que não! Nossa Mãe! Êle não morreu, fujamos. (*Subindo na pedra.*) Pater Noster qui es...

MÃE UBU

(*Se livrando.*) Essa não! Onde se meteu êle?

PAI UBU

Ah, meu Deus, ela de nôvo! Mulher estúpida, será que não há um jeito de me livrar dela? O urso está morto?

MÃE UBU

Está, meu asno, já está até frio. Como êsse bicho veio parar aqui?

PAI UBU

Sei lá. Ah, sei sim. Êle quis comer Pila e Cotica e eu o matei com um golpe de Pater Noster.

MÃE UBU

Pila, Cotica, Pater Noster. Que significa isso? Pelas minhas finanças, êle endoidou de vez!

PAI UBU

Disse exatamente o que houve. Tu é que és uma idiota, minha bonstra*.

MÃE UBU

Pai Ubu, me conta como foi a guerra.

PAI UBU

Oh, não, é cansativo. Tudo o que sei é que, apesar de minha incontestável bravura, todo mundo me bateu.

MÃE UBU

Não me diga, até os poloneses?

PAI UBU

Êles berravam: Viva Venceslau e Bugrelau. Pensei que iam me esquartejar, aquêles indisciplinados. E depois mataram Rensky.

* Tradução arbitrária de *giborgne*, palavra cunhada por Jarry e que pode conotar inúmeros sentidos: *gibbeux* (corcunda), *borgne* (lôbrego, zarolho), *giberne* (trazeiro), *gibbon* (orangotango).

MÃE UBU

E eu com isso?! Sabes que Bugrelau matou o Palhadino Girão!

PAI UBU

E eu com isso?! E depois mataram o pobre Lascy.

MÃE UBU

E eu com isso?!

PAI UBU

Sim, mas de qualquer jeito, carniça, chega pra cá! Ajoelha-te aos pés de teu senhor (*Agarra-a e a põe de joelhos.*) Vais sofrer o derradeiro suplício.

MÃE UBU

Oh! oh! Sr. Ubu!

PAI UBU

Oh, oh, oh! Já acabaste? Agora começo eu: torção de nariz, arrancamento de cabelos, introjeção do bastonete de madeira, extração do cérebro pelos calcanhares, dilaceração do posterior, supressão parcial ou mesmo total do espinhaço (talvez que

assim consiga extrair também os espinhos de seu caráter), sem esquecer a abertura da bexiga natatória e finalmente a grande decapitação renovada de S. João Batista, tudo de acôrdo com as Santíssimas Escrituras, tanto do Antigo como do Nôvo Testamento, organizado, corrigido e aperfeiçoado pelo aqui presente Mestre das Finanças! De acôrdo, lingüiça?

(*Êle a rasga.*)

MÃE UBU

Piedade, Sr. Ubu!

(*Alarido na entrada da caverna.*)

Cena II

Os mesmos, Bugrelau.
(Invadindo a caverna com seus soldados.)

BUGRELAU

Avante, camaradas! Viva a Polônia!

PAI UBU

Espere um pouco, senhor polonês. Deixe-me acabar aqui com minha cara metade.

BUGRELAU

(*Espancando-o.*) Toma, covarde, pícaro, sacripanta, incréu, muçulmano!

PAI UBU

(*Revidando.*) Toma, idiota, janota, lorota, carlota, capota, calota, borrabotas, bosta!

BUGRELAU

Toma, capão, ladrão, beberrão, bufão, paspalhão, cafetão! (*Os soldados arremetem contra os Ubu que se defendem como podem.*)

PAI UBU

Deuses! Quantos reforços!

MÃE UBU

Também temos pés, senhores poloneses.

PAI UBU

Por meus chifres, quando é que isso vai acabar? Outro ainda! Ah, se eu tivesse aqui meu cavalo-de-finanças!

BUGRELAU

Batam, batam sem parar!

VOZES LÁ FORA

Viva Pai Ubu, nosso grande financista!

PAI UBU

Ôba! São êles! Viva! São os Pais Ubus. Venham,

cheguem, precisamos de vocês, senhores das Finanças.

(*Entram os Palhadinos que se jogam na confusão.*)

Poloneses, caiam fora!

PILA

Hon! turnamos a nos veire, senhoire das Finanças. Vamos, force a passagem, trate de chegar à porta e, uma vez lá fora, só há uma coisa a fazer: dar no pé.

PAI UBU

Nisso eu sou bom. Ai, êle bate com fôrça!

BUGRELAU

Meu Deus, estou ferido!

STANISLAU LECZINSKI

Não foi nada, senhor.

BUGRELAU

É, só fiquei um pouco tonto.

JEAN SOBIESKI

Batam, batam pra valer, êles fogem pela porta, os miseráveis.

COTICA

Estamos perto, siga os outros. Em conseqüência do que, estou vendo o céu.

PILA

Coragem, Sr. Ubu!

PAI UBU

Sim, já fiz nas calças. Vamos, cornopapança! Matrem, sangrem, esfolem, matem, côrno de Ubu! A situação melhora!

COTICA

Só há dois guardando a saída.

PAI UBU

(*Espancando-os a golpe de urso.*) Dou-lhe uma, dou-lhe duas! Uf! consegui sair. Fujamos! Sigam os outros.

Cena III

A cena representa a província de Livônia coberta de neve.
Os Ubus e seu séquito em fuga.

PAI UBU

Uf, creio que êles desistiram de nos pegar.

MÃE UBU

É, Bugrelau foi assumir o trono.

PAI UBU

Não tenho nenhuma inveja da coroa dêle.

MÃE UBU

Tens tôda a razão, Pai Ubu.

(*Desaparecem na distância.*)

Cena IV

Convés de um navio navegando à bolina no Báltico. No convés, Pai Ubu e seu bando.

COMANDANTE

Sopra ótimo vento.

PAI UBU

De fato, navegamos com prodigiosa rapidez. Devemos estar fazendo no mínimo um milhão de nós por hora, e êsses nós têm a vantagem de que, uma vez feitos, não se desfazem mais. Bem, é verdade que temos muito vento no traseiro.

PILA

É um pobre imbecil.

(*Uma rajada faz o navio adernar.*)

PAI UBU

Uai! Meu Deus! Vamos afundar. Êle está indo todo torto, vai virar, o barco vai virar!

COMANDANTE

Todo mundo a sota-vento, amarrem o mezena!

PAI UBU

Essa não! Não fiquem todos do mesmo lado! É uma imprudência. E se o vento mudar de direção? Iremos todos ao fundo e os peixes nos comem.

COMANDANTE

Devagar, amainar as velas.

PAI UBU

Devagar, o quê! Nada disso! Tenho pressa, ouviu? A culpa é tua, capitão de merdra, se não chegarmos, a culpa é tua. Já devíamos ter chegado, pô! Assumo o comando! Evitar de virar, fé em Deus e e pé na tábua! Ancorar, virar de vento em pôpa, virar de vento em proa! Icem as velas, arreiem as velas, leme a barravento, leme a sota-vento, leme de lado... Estamos indo bem? Não? Então, cortar a onda pelo meio, e pronto, tudo estará perfeito.

(*Todos se riem, o vento sopra mais forte.*)

COMANDANTE

Afrouxar os rizes, desviar o colhão e abrir a burda!

PAI UBU

Isso até que não é mau. Está escutando, senhora Tripulação? Afrouxar os risos, desviar o culhão e abrir a bunda!

(*Alguns morrem de rir. Uma onda varre o convés.*)

PAI UBU

Que dilúvio! É conseqüência das manobras que ordenamos.

MÃE UBU

Coisa aprazível, a navegação!

(*Outra onda invade o barco.*)

PILA

(*Encharcado.*) Desconfie do Demônio e de suas tentações.

PAI UBU

Senhor garçom, traga-nos bebida.

(*Sentando-se para beber.*)

MÃE UBU

Ah, como é bom saber que em breve reveremos nossa doce França, os velhos amigos e nosso castelo de Maudragão.

PAI UBU

É, não vai demorar! Estamos passando pelo castelo de Elsenor.

PILA

Fico contente só de pensar em rever minha querida Espanha.

COTICA

Eu também, e vamos deslumbrar os compatriotas com a história de nossas maravilhosas aventuras.

PAI UBU

Oh, sem dúvida! Quanto a mim, serei nomeado mestre das Finanças em Paris.

MÃE UBU

Isso mesmo! Ui, que houve?

COTICA

Não é nada, é que acabamos de dobrar a ponta de Elsenor.

PILA

E agora cortamos velozmente as escuras ondas do Mar do Norte.

PAI UBU

Mar feroz e hostil que banha o país por nome Germânia, assim chamado porque os seus habitantes são primos germãos.

MÃE UBU

É a isso que eu chamo erudição. Diziam que é uma beleza de país.

PAI UBU

Sim, mas, por mais belo que seja, não se compara à Polônia. Se não houvesse a Polônia, não haveria poloneses.

F I M